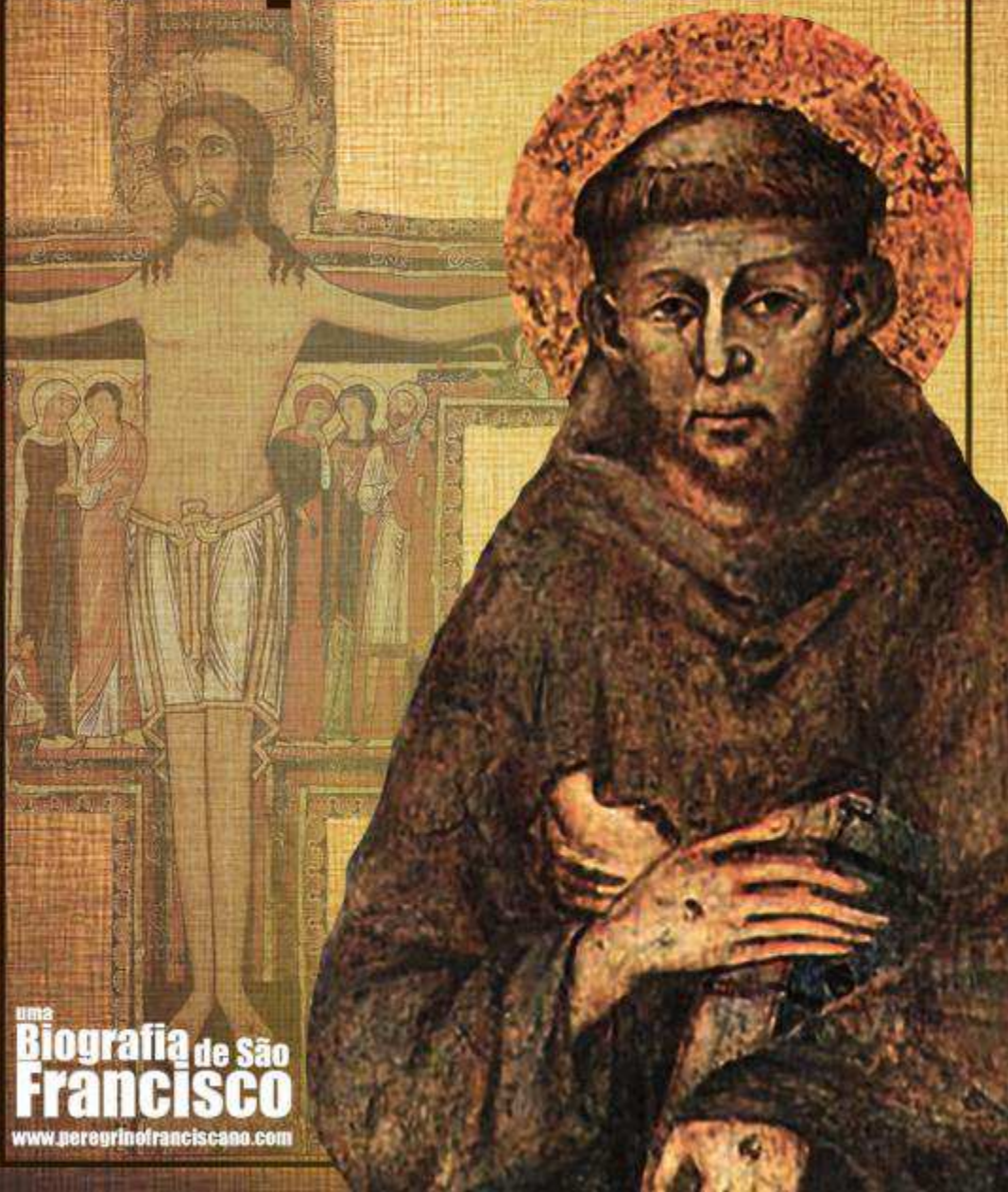


e-book

# Legenda dos Três Companheiros



uma  
**Biografia de São  
Francisco**

[www.peregrinofranciscano.com](http://www.peregrinofranciscano.com)

## APRESENTAÇÃO

Há mais de 800 anos nascia na cidade de Assis uma criança igual a tantas outras crianças de sua época. Ninguém poderia imaginar que Deus havia reservado grandes coisas para aquela criança. Foi educado como um burguês por seus pais. Teve tudo na vida que alguém gostaria de ter, e sonhou... sonhou com os cavaleiros, com as grandes batalhas, com as grandes conquistas, com as jovens donzelas... Seu coração batia mais rápido ao ver a imponente Rocca Maggiore e sonhava que um dia queria chegar lá em cima.

O homem sonha uma coisa, mas Deus reserva outras para sua vida. Realmente, o jovem Francisco lutou ao lado de bravos guerreiros e travou diversas batalhas, na evangelização de muitos, os seus soldados? Homens simples, de pés no chão. Sua armadura? Um hábito surrado, símbolo do total despojamento e da pobreza exterior e interior. A Rocca Maggiore, o céu, a que tanto o seu coração ardia, querendo um dia chegar ao encontro pleno com o Sumo Bem.

Este e-book traz a vida do Santo que revolucionou a história da Igreja sendo-lhe totalmente obediente. De um homem que até hoje inspira milhares de jovens, homens e mulheres a fazer uma opção radical por Jesus Cristo, o Santo de Assis, o Santo de hoje, o santo de todos nós! São Francisco de Assis!

# SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
[Rubrica].....	5
[Carta].....	5
<i>Capítulo 1 – Sobre o seu nascimento e sobre sua vaidade, curiosidade e prodigalidade, e como dessas coisas chegou à generosidade e caridade para com os pobres.....</i>	<i>7</i>
<i>Capítulo 2 – Como foi preso em Perusa e das duas visões que teve quando quis ser cavaleiro. ....</i>	<i>9</i>
<i>Capítulo 3 – Como o Senhor visitou primeiro seu coração com admirável doçura, em virtude da qual começou a crescer pelo desprezo de si mesmo e de todas as vaidades, bem como pela oração, pelas esmolas e pelo amor à pobreza. ....</i>	<i>12</i>
<i>Capítulo IV – Como começou com os leprosos a vencer a si mesmo e sentir a doçura do que antes lhe era amargo. ....</i>	<i>16</i>
<i>Capítulo 5 – Da primeira vez em que o Crucificado lhe falou e como, desde esse momento até a morte, trouxe a paixão de Cristo em seu coração.....</i>	<i>19</i>
<i>Capítulo 6 – Como fugiu pela primeira vez das perseguições do pai e dos parentes, ficando com o sacerdote de São Damião, em cuja janela jogara o dinheiro. ....</i>	<i>22</i>
<i>Capítulo 7 - De seu grande trabalho e aflição na restauração da igreja de São Damião, e como começou a vencer a si mesmo quando saiu para pedir esmola. ....</i>	<i>28</i>
<i>Capítulo 8 - Como, ouvidos e entendidos os conselhos de Cristo no Evangelho, imediatamente mudou o hábito exterior e vestiu um novo hábito de perfeição, interior e exteriormente .....</i>	<i>33</i>
<i>Capítulo 9 – Sobre o modo da vocação de Frei Silvestre e da visão que teve antes de seu ingresso na Ordem. ....</i>	<i>38</i>

<i>Capítulo 10 – Como predisse a seus seis companheiros o que aconteceria quando fossem pelo mundo, exortando-os à paciência. ....</i>	<i>43</i>
<i>Capítulo 11 – Da recepção de outros quatro frades e da ardentíssima caridade que tinham entre si os primeiros frades, e da solicitude para trabalhar e rezar, e de sua perfeita obediência. ....</i>	<i>49</i>
<i>Capítulo 12 – Como o bem-aventurado Francisco, com os onze companheiros, foi à cúria do papa notificar-lhe seu propósito e conseguir a aprovação da Regra que havia escrito. ....</i>	<i>53</i>
<i>Capítulo 13 – Da eficácia da sua pregação, da primeira morada que teve, como os irmãos ali estavam e como dali saíram. ....</i>	<i>61</i>
<i>Capítulo 14 – Do capítulo que se realizava duas vezes por ano no lugar de Santa Maria da Porciúncula. ....</i>	<i>64</i>
<i>Capítulo 15 – Da morte de Dom João, primeiro protetor, e da assunção de Dom Hugolino, ostiense, como pai e protetor da Ordem. ....</i>	<i>69</i>
<i>Capítulo 16 – Da eleição dos primeiros ministros e como foram enviados pelo mundo. ....</i>	<i>71</i>
<i>Capítulo 17 – Da morte santíssima do bem-aventurado Francisco e como ele, dois anos antes, havia recebido os estigmas de nosso Senhor Jesus Cristo. ....</i>	<i>76</i>
<i>Capítulo 18 – De sua canonização. ....</i>	<i>79</i>
<b>REFERÊNCIA. ....</b>	<b>81</b>

## [Rubrica]

**E**stes são alguns escritos feitos por três companheiros do bem-aventurado Francisco, sobre sua vida e comportamento quando se vestia como secular, sobre sua admirável e perfeita conversão, e sobre a perfeição da origem e do fundamento da ordem nele e nos primeiros frades.

## [Carta]

- I -

**A**o reverendo pai em Cristo, Frei Crescêncio, por graça de Deus ministro geral, Frei Leão, Frei Rufino e Frei Angelo, outrora companheiros, embora indignos, do beatíssimo pai Francisco, prestam a devida e devota reverência no Senhor. <sup>2</sup>Como, por mandato do capítulo geral próximo passado e vosso os frades devem dirigir a vossa paternidade os sinais e prodígios do beatíssimo pai Francisco que souberem ou puderem encontrar, <sup>3</sup>pareceu a nós, que embora indignos convivemos com ele por muito tempo, alguns poucos dos muitos gestos dele que vimos por nós mesmos ou pudemos saber por outros santos frades, <sup>4</sup>e especialmente por Frei Filipe, visitador das senhoras pobres, por Frei Iluminato de Arce, Frei Masseu de Marignano e Frei João companheiro do venerável pai Frei Egídio <sup>5</sup>que teve muitos desses fatos do próprio santo Frei Egídio, e de Frei Bernardo, de santa memória, primeiro companheiro do bem-aventurado Francisco, comunicar a vossa santidade tendo a verdade por princípio.

<sup>6</sup>Não contentes de narrar só os milagres, que não constituem mas mostram a santidade, mas também os fatos insignes de seu santo comportamento <sup>7</sup>e querendo mostrar a vontade do piedoso beneplácito, para louvor e glória do Sumo Deus e do referido pai santíssimo, e para edificação dos que quiserem imitar seus vestígios. <sup>8</sup>Mas não escrevemos estas coisas em forma de legenda, uma vez que já foram feitas legendas sobre sua vida e os milagres que Deus fez por meio dele, <sup>9</sup>mas colhemos como de um prado ameno algumas flores mais bonitas, à nossa escolha, sem seguir uma história contínua, <sup>10</sup>mas deixando muitas coisas que foram colocadas seriamente nas preditas legendas com uma palavra tão verídica quando clara.

<sup>11</sup>Podereis mandar inserir nelas estas poucas coisas que escrevemos, se parecer justo à vossa discrição. <sup>12</sup>Pois achamos que, se estas coisas fossem conhecidas pelos varões veneráveis que redigiram as referidas legendas, não as deixariam absolutamente de lado, enfeitando seu discurso com pelo menos uma parte delas, deixando-as para a lembrança dos pósteros.

<sup>13</sup>Que vossa paternidade goze sempre de íntegra saúde no Senhor Jesus Cristo, em quem nós, vossos filhos devotos, humilde e devotamente nos recomendamos à vossa santidade.

<sup>14</sup>Datada em Grécio, em 11 de agosto (no terceiro dia dos Idos de agosto) do ano do Senhor de 1246.

*Capítulo 1 - Sobre o seu nascimento e sobre sua vaidade, curiosidade e prodigalidade, e como dessas coisas chegou à generosidade e caridade para com os pobres.*

- II -



riundo da cidade de Assis, situada nos confins do vale de Espoleto, Francisco foi chamado primeiro de João, pela mãe; mas depois foi chamado de Francisco pelo pai, que estava voltando, então, da França, e em cuja ausência ele tinha nascido. <sup>2</sup>Depois de adulto, tendo demonstrado uma inteligência sutil, exerceu a arte do pai, isto é, o comércio, <sup>3</sup>mas de maneira muito diferente porque era mais alegre e liberal, gostava de brincadeiras e cânticos, dando a volta pela cidade de Assis de dia e de noite, junto aos que eram parecidos com ele, muito generoso para gastar, a ponto de consumir tudo que podia lucrar em comilanças e outras coisas. <sup>4</sup>Era, por isso, muitas vezes repreendido pelos pais, pois lhe diziam que fazia tão grandes despesas por si e pelos outros que não parecia filho deles mas de algum grande príncipe. <sup>5</sup>Mas como os pais eram ricos e o amavam com ternura, toleravam-no nessas coisas, sem querer perturbá-lo. <sup>6</sup>Sua mãe, quando os vizinhos falavam a respeito de sua prodigalidade, respondia: “O que achais de meu filho? Ainda vai ser um filho de Deus pela graça”.

<sup>7</sup>Mas ele não era generoso, e até pródigo, só nessas coisas, mas também se excedia de muitas formas nas roupas, fazendo panos mais caros do que conviria que ele usasse. <sup>8</sup>Era tão vaidoso na extravagância

que à vezes fazia costurar na mesma roupa um pano muito caro e outro muito ordinário.

- III -

**N**ra, contudo, como que naturalmente cortês nos costumes e nas palavras, não dizia a ninguém palavras injuriosas ou torpes, por um propósito de acordo com o seu coração. Antes, sendo um jovem brincalhão e boêmio, propôs-se a não responder de jeito nenhum aos que lhe diziam coisas torpes. <sup>2</sup>Espalhou-se, por isso, a sua fama por quase toda a província, de modo que muitos que o conheciam diziam que haveria de ser algo de grande.

<sup>3</sup>A partir desses graus de virtudes naturais, chegou a tal graça que dizia a si mesmo, depois da conversão: “Se és generoso e cortês com os homens de quem não recebes nada, a não ser favores transitórios e vazios, é justo que, por amor de Deus, que é generosíssimo em retribuir, sejas generoso e cortês também com os pobres”. <sup>4</sup>Por isso começou a olhar de boa vontade para os pobres, dando-lhes esmolas abundantes. <sup>5</sup>Apesar de ser comerciante, era muito vaidoso para dissipar os bens terrenos.

<sup>6</sup>Certo dia, quando estava ocupado na loja em que vendia panos, veio um pobre e pediu uma esmola pelo amor de Deus. <sup>7</sup>Como estava absorto na ganância das riquezas e ocupado pela atenção na venda, negou-lhe a esmola, mas, tocado pela graça divina, repreendeu-se por tanta rudeza, <sup>8</sup>dizendo: “Se aquele pobre tivesse pedido algo em nome de algum conde ou barão, com certeza o terias atendido. <sup>9</sup>Quanto mais não o deverias ter feito pelo Rei dos reis e Senhor de todos!”



<sup>10</sup>Por isso, daí em diante, propôs em seu coração nunca mais negar o que pedissem em nome de tão grande Senhor.

## *Capítulo 2 - Como foi preso em Perusa e das duas visões que teve quando quis ser cavaleiro.*

### - IV -

**E**m certa ocasião, havendo uma guerra entre Perusa e Assis, Francisco com muitos de seus concidadãos foi preso em Perusa; mas como era nobre em costumes, foi colocado como prisioneiro entre os cavaleiros.

<sup>2</sup>Certo dia, estando tristes seus companheiros de cativo, ele, brincalhão e jovial por natureza, não parecia estar triste mas, de certa forma, alegre. <sup>3</sup>Por isso, um dos companheiros repreendeu-o como louco, porque se alegrava estando na cadeia. <sup>4</sup>Francisco respondeu vivaz: “Que pensas de mim? Ainda serei venerado pelo mundo inteiro”. <sup>5</sup>Como um dos soldados tivesse injuriado a um companheiro e todos queriam isolá-lo por causa disso, só Francisco não lhe negou a amizade mas exortou aos outros a fazerem o mesmo.

<sup>6</sup>Passado um ano, restabelecida a paz entre as duas cidades, Francisco voltou com seus companheiros para Assis.



Poucos anos depois, certo cidadão nobre da cidade de Assis preparou-se com armas de guerra para ir à Apúlia, para aumentar riquezas ou prestígio. <sup>2</sup>Ouvindo isto, Francisco quis ir com ele e, para ser feito cavaleiro por certo conde de nome Gentil, preparou os melhores tecidos que pode, mais pobre em riquezas que seu concidadão, mas mais generoso na prodigalidade.

<sup>3</sup>Certa noite, quando se havia entregado totalmente a preparar tudo isso, e ardia no desejo de viajar, foi visitado pelo Senhor, que o atraiu e exaltou – já cobiçoso de glória – para o fastígio da glória por uma visão.

<sup>4</sup>Pois quando estava dormindo nessa noite, apareceu-lhe alguém chamando-o pelo nome e levando-o a um palácio magnífico de uma linda esposa, cheio de armas de guerra, isto é de resplandecentes escudos e outros aparatos pendurados na parede, referentes ao decoro de um exército. <sup>5</sup>Como ele, muito alegre, admirava-se calado sobre o que seria isso, perguntou de quem eram essas armas que fulgiam com tanto fulgor, e o palácio magnífico. <sup>6</sup>Foi-lhe respondido que tudo aquilo, com o palácio, era dele e de seus soldados.

<sup>7</sup>Quando acordou, levantou-se de manhã de ânimo alegre, pensando secularmente, como alguém que ainda não tinha saboreado plenamente o espírito de Deus, que por isso deveria tornar-se um magnífico príncipe, e achando que a visão era o presságio de uma grande prosperidade, resolveu iniciar a viagem para a Apúlia para ser feito cavaleiro pelo referido conde. <sup>8</sup>Ficou tão mais alegre que de costume que

a muitos que se admiravam e perguntavam de onde vinha tanta alegria respondeu: “Sei que vou ser um grande príncipe”.

- VI -

**N**o dia imediatamente anterior a essa visão acontecera com ele um certo sinal de grande cortesia e nobreza, que parece ter sido uma ocasião não pequena para a própria visão.

<sup>2</sup>Pois nesse dia dera a um certo cavaleiro pobre todas as suas roupas pomposas caras, que acabara de fazer. <sup>3</sup>Mas quando começou a viagem até Espoleto para ir à Apúlia, começou a ficar um pouco adoentado. <sup>4</sup>Preocupado com a viagem e já entregue ao sono, ouviu meio adormecido alguém que lhe perguntava para onde ia. <sup>5</sup>Quando Francisco lhe contou todo o seu propósito, ele disse: “Quem pode ser melhor para ti? O Senhor ou o servo?” <sup>6</sup>Como Francisco lhe respondesse: “O senhor”, disse-lhe de novo: “Então por que deixas o senhor pelo servo e o príncipe pelo vassalo?”. <sup>7</sup>E Francisco disse: “Senhor, que queres que eu faça?”. <sup>8</sup>“Volta para tua terra, disse, e te será dito o que haverás de fazer. Pois debes entender de outro jeito a visão que tiveste”.

<sup>9</sup>Ao despertar, começou a pensar seriamente sobre a visão. <sup>10</sup>E como na primeira visão ficara quase todo arrebatado pela enorme alegria, desejando uma prosperidade temporal, <sup>11</sup>nesta recolheu-se todo dentro de si, admirando e considerando sua força tão diligentemente, que naquela noite não mais conseguiu dormir.

<sup>12</sup>Quando amanheceu, voltou depressa para Assis, alegre e muito contente, esperando a vontade do Senhor que lhe havia mostrado tais coisas e lhe daria um conselho para sua salvação. <sup>13</sup>Já mudado na mente, recusou ir para a Apúlia e quis conformar-se com a vontade divina.

*Capítulo 3 - Como o Senhor visitou primeiro seu coração com admirável doçura, em virtude da qual começou a crescer pelo desprezo de si mesmo e de todas as vaidades, bem como pela oração, pelas esmolas e pelo amor à pobreza.*

- VII -

**N**ão muitos dias depois que voltou a Assis, certa noite foi escolhido como senhor pelos seus companheiros para fazer as despesas conforme a sua vontade. <sup>2</sup>Então mandou preparar um suntuoso banquete, como já tinha feito muitas vezes.

<sup>3</sup>Após a refeição saíram de casa. Os companheiros iam juntos na frente cantando pela cidade, e ele ia um pouco atrás, levando um bastão como senhor, não cantando mas meditando diligentemente. <sup>4</sup>Eis que, de repente, foi visitado pelo Senhor, e seu coração ficou repleto de tanta doçura, que não podia nem falar, nem se mexer, e era incapaz de sentir ou de ouvir outra coisa, a não ser aquela doçura que de tal modo o alienara do sentido carnal, que, como ele mesmo disse depois, mesmo se naquele momento fosse cortado em pedaços, não poderia mover-se daquele lugar.

<sup>5</sup>Quando os companheiros olharam para trás e o viram tão longe deles, voltaram e, aterrorizados, viram-no como que mudado em um outro homem. <sup>6</sup>E perguntaram-lhe: “Em que pensaste que não vieste conosco? Será que pensaste em te casar?” <sup>7</sup>Respondeu-lhes com viva voz: “Dissestes a verdade, eu estava pensando em receber a esposa mais nobre, mais rica e mais bela que jamais vistes”. <sup>8</sup>Zombaram dele. Mas ele disse isso não por si mesmo e sim inspirado por Deus; pois essa esposa era a verdadeira religião que abraçou, mais, nobre, mais rica e mais bela que as outras pela pobreza.


#### - VIII -

**D**esde aquela hora começou a considerar-se de pouco valor e a desprezar as coisas que antes tinha amado; mas ainda não plenamente, porque ainda não se tinha desligado de uma vez das vaidades do século. <sup>2</sup>Aos poucos, porém, subtraindo-se ao tumulto do mundo, procurava guardar Jesus Cristo no seu interior, ia muitas vezes, quase todos os dias, fazer orações em lugar secreto, ocultando aos olhos dos iludidos a pérola preciosa que desejava comprar mesmo tendo que vender tudo. <sup>3</sup>Para isso era impelido a sair das praças e de outros lugares públicos para rezar, de certa forma urgido pelo antegozo da doçura que o visitava mais freqüentemente.

<sup>4</sup>Embora no passado sempre tivesse sido benfeitor dos pobres, contudo, desde esse instante, propôs mais firmemente em seu coração que nunca mais negaria uma esmola a nenhum pobre que lhe pedisse por amor de Deus, mas que faria esmolas com maior boa vontade e em maior

abundância do que costumava. <sup>5</sup>Por isso sempre dava dinheiro, se podia, a qualquer pobre que lhe pedisse esmola fora de casa. <sup>6</sup>Se estivesse sem dinheiro, dava-lhe o gorro ou o cinto, a fim de não mandá-lo embora vazio. <sup>7</sup>Se nem isto tivesse, ia a algum lugar oculto, tirava a camisa e a mandava para o pobre, para que a levasse por amor de Deus. <sup>8</sup>Comprava também utensílios necessários ao decoro das igrejas e os enviava ainda mais secretamente aos sacerdotes mais pobres.

## - IX -

uando o pai estava ausente e ele ficava em casa, mesmo que comesse sozinho com a mãe, enchia a mesa de pães como se a preparasse para toda uma família. <sup>2</sup>Quando a mãe lhe perguntava por que punha tantos pães à mesa, respondia que fazia isto para dar esmola aos pobres, porque havia prometido dar esmolas a todos que a pedissem por amor de Deus. A mãe, que o amava mais que a todos os outros filhos, tolerava-o nessas coisas, observando o que era feito por ele e ficando muito admirada com isso em seu coração.

<sup>4</sup>Pois como costumava antes ficar atento para ir atrás dos companheiros quando o chamavam, e estava tão preso a sua companhia que muitas vezes levantava-se da mesa mesmo que tivesse comido pouco, deixando os pais aflitos por essa saída desordenada, <sup>5</sup>agora seu coração estava atento para ver ou ouvir pobres a quem dar esmolas.

**P**ortanto, assim mudado pela graça de Deus, embora ainda estivesse em hábito secular, desejava estar em alguma cidade, onde, desconhecido, pudesse tirar as próprias roupas e vestir as roupas emprestadas de algum pobre, para experimentar pedir esmolas pelo amor de Deus.

<sup>2</sup>Aconteceu que nesse tempo foi a Roma, por causa de uma peregrinação. <sup>3</sup>Entrando na Igreja de São Pedro, observou que as ofertas de certas pessoas eram pequenas e disse consigo mesmo: “Se o Príncipe dos Apóstolos deve ser honrado com magnificência, como é que essa gente faz ofertas tão mesquinhas na igreja onde repousa o seu corpo?” <sup>4</sup>Então pôs a mão na bolsa com muito fervor, tirou-a cheia de moedas e as jogou pela janela do altar, fazendo tanto barulho que todos os que estavam presentes ficaram muito admirados com a magnífica oferta.

<sup>5</sup>Saindo à porta da igreja, onde muitos pobres estavam pedindo esmolas, emprestou secretamente os trapos de um homem pobrezinho e, tirando sua roupa, vestiu nele. <sup>6</sup>Em pé nos degraus da igreja com outros pobres, pedia esmola em francês, porque gostava de falar francês, apesar de não saber falá-la direito.

<sup>7</sup>Depois, tirando os tais trapos e retomando sua roupa, voltou para Assis e começou a orar ao Senhor para que dirigisse seu caminho. <sup>8</sup>Mas não revelava seu segredo a ninguém e, sobre isto, a nenhuma pessoa pedia conselho, exceto a Deus que começara a orientar o seu caminho, e, algumas vezes, ao bispo de Assis, porque, naquele tempo, não existia em

ninguém a verdadeira pobreza que ele desejava acima de tudo neste mundo, nela querendo viver e morrer.

#### *Capítulo IV – Como começou com os leprosos a vencer a si mesmo e sentir a doçura do que antes lhe era amargo.*

### - XI -



Um certo dia, estando a orar com mais fervor, foi-lhe respondido: - “Francisco, se quiseres conhecer a minha vontade, deverás desprezar e odiar tudo o que carnalmente amaste e desejaste possuir. <sup>2</sup> Depois que começares a fazer assim, as coisas que antes te pareciam suaves e doces serão para ti insuportáveis e amargas, mas das que te causavam horror, poderás haurir uma grande doçura e uma suavidade imensa”.

<sup>3</sup>Contente com isso e confortado no Senhor, certa vez indo a cavalo perto de Assis, veio-lhe ao encontro um leproso. <sup>4</sup>E como se acostumara a ter muito horror aos leprosos, fez violência a si mesmo, desceu do cavalo e lhe deu uma moeda, beijando-lhe a mão. <sup>5</sup>Após ter recebido dele o beijo da paz, montou a cavalo e prosseguiu seu caminho. <sup>6</sup>Desde então começou a desprezar cada vez mais a si mesmo, até conseguir, pela graça de Deus, a mais perfeita vitória sobre si mesmo.

<sup>7</sup>Poucos dias depois, levando muito dinheiro, transferiu-se para o leprosário, e, juntando todos, deu a cada um uma esmola, beijando-lhes a mão. <sup>8</sup>Quando foi embora, verdadeiramente o que lhe era amargo, isto é, ver e tocar os leprosos, convertera-se em doçura. <sup>9</sup>Tanto





que, como contou, para ele fora amarga a visão dos leprosos, de modo que não só não os podia ver, mas se aproximar de suas casas. <sup>10</sup>E, se por alguma vez acontecesse de passar perto de suas casas ou de vê-los, virava o rosto e tapava o nariz com as mãos, muito embora, movido por piedade, lhes mandasse esmolas por intermédio de outra pessoa. <sup>11</sup>Mas, por graça de Deus, tornou-se tão familiar e amigo dos leprosos, que, como ele mesmo afirma no Testamento, ficava entre eles e humildemente os servia.

## - XII -

**M**udado para melhor depois da visita aos leprosos, levando a lugares remotos um seu companheiro a quem queria muito bem, dizia-lhe que tinha encontrado um tesouro grande e precioso. <sup>2</sup>O homem exultou na pouco, e ia com ele sempre que o chamava. <sup>3</sup>Francisco levava-o muitas vezes a uma

certa cripta perto de Assis e, deixando fora o companheiro, preocupado com o tesouro que teria, entrava sozinho, e, invadido por um espírito novo, orava no escondido ao Pai, não querendo que ninguém soubesse o que fazia lá dentro, a não ser só Deus que consultava assiduamente sobre o tesouro celeste que devia ter.

<sup>4</sup>Vendo isto, o inimigo do gênero humano tentava tirá-lo do bom caminho começado, inculcando-lhe temor e horror. <sup>5</sup>Havia em Assis uma mulher deformemente corcunda e que o demônio, aparecendo ao homem de Deus, lhe trazia à mente e ameaçava transferir para ele a gibosidade daquela mulher se não desistisse do propósito concebido. <sup>6</sup>Mas o fortíssimo soldado de Cristo, desprezando as ameaças diabólicas, orava dentro da cripta para que Deus guiasse seu caminho.

<sup>7</sup>Suportava, porém, uma grande paixão e ansiedade de espírito, não conseguindo sossegar enquanto não cumprisse o que concebera, com uma porção de pensamentos que se sucediam, cuja importunidade perturbava-o duramente. <sup>8</sup>Ardia interiormente em um fogo divino, não conseguindo ocultar por fora o ardor concebido na mente. Arrependia-se de haver pecado tão gravemente e já não lhe agradavam os males passados ou presentes, pois não tinha alcançado ainda a confiança de dominar-se das coisas futuras. <sup>9</sup>Por isso, quando saía da cripta, parecia ao companheiro que estava mudado em um outro homem.

*Capítulo 5 - Da primeira vez em que o Crucificado lhe falou e como, desde esse momento até a morte, trouxe a paixão de Cristo em seu coração.*

**- XIII -**

Um certo dia, estando a implorar com maior fervor a misericórdia do Senhor, este mostrou-lhe que brevemente lhe seria dito o que deveria fazer. <sup>2</sup>Desde então, ficou tão cheio de contentamento, que, não cabendo em si de alegria, mesmo sem querer, confiava a algumas pessoas algo de seus segredos. <sup>3</sup>Falava porém cautelosa e enigmaticamente, dizendo que não queria ir para a Apúlia, pois na sua própria terra faria nobres e grandes coisas.



<sup>4</sup>Como os companheiros o vissem tão mudado, já mentalmente muito afastado deles, embora corporalmente de vez em quando ainda se reunisse com eles, quase por brincadeira o interrogavam de novo: “Francisco, queres casar-te?” <sup>5</sup>Ele lhes respondia com certo enigma, como ficou dito acima.

<sup>6</sup>Poucos dias depois, passando perto da igreja de São Damião, foi-lhe dito em espírito que entrasse nela para rezar. <sup>7</sup>Entrando, começou a orar fervorosamente diante da imagem de um Crucifixo, o qual

pedosa e bondosamente lhe falou: “Francisco, não vês que a minha casa se destrói? Vai, pois, e restaura-a para mim”. <sup>8</sup>Trêmulo e atônito, disse: “De boa vontade o farei, Senhor”. <sup>9</sup>Entendeu que se falava daquela igreja que, por ser muito antiga, ameaçava cair proximamente. <sup>10</sup>Com essas palavras ficou repleto de tanto contentamento e tão iluminado, que sentiu verdadeiramente em sua alma que fora o Cristo crucificado que falara com ele.

<sup>11</sup>Saindo da igreja, encontrou um sacerdote sentado lá perto e, pondo a mão na bolsa, deu-lhe certa importância em dinheiro, <sup>12</sup>dizendo: “Rogo-te, senhor, que compres azeite e faças arder continuamente uma lâmpada diante daquele Crucifixo. <sup>13</sup>Quando este dinheiro acabar nessa tarefa, de novo lhe darei quanto for necessário”.

#### - XIV -

**D**esde aquela hora seu coração tornou-se tão vulnerado e comovido, lembrando a paixão do Senhor, que sempre, enquanto viveu, trouxe os estigmas do Senhor Jesus em seu coração, como depois se patenteou evidentemente pela renovação dos mesmos estigmas maravilhosamente realizada em seu corpo e demonstrada com a maior clareza.

<sup>2</sup>Desde então se afligiu com tamanha maceração da carne que, são ou doente, austero demais com o seu corpo, poucas ou nenhuma vez foi indulgente consigo mesmo. <sup>3</sup>Por isso, quando se aproximou o dia de sua morte, confessou ter pecado muito contra o irmão corpo.

<sup>4</sup>Certa vez, caminhava sozinho perto da igreja de Santa Maria da Porciúncula, chorando e lamentando-se em alta voz. <sup>5</sup>Ouvindo-o, certo homem espiritual, pensou que padecesse alguma enfermidade ou dor, e, movido de piedade, perguntou-lhe por que chorava. <sup>6</sup>Ele disse: “Choro a paixão de meu Senhor; não devo envergonhar-me de andar chorando por ele, em alta voz e pelo mundo inteiro”. <sup>7</sup> O outro começou semelhantemente a chorar com ele em alta voz.

<sup>8</sup>Muitas vezes também, quando se levantava da oração, seus olhos pareciam cheios de sangue, pois havia chorado muito amargamente. <sup>9</sup>Mas não se afligia só com lágrimas; também com a abstinência na comida e na bebida, recordando a paixão do Senhor.

- XV -

**P**or isso, quando se sentava alguma vez com seculares para comer e lhe davam alguns alimentos gostosos para o seu corpo, provava um pouquinho deles, dando alguma desculpa para não mostrar que se omitira por abstinência. <sup>2</sup>E quando comia com os irmãos, muitas vezes colocava cinza nos alimentos dizendo aos frades que, para velar por sua abstinência, a irmã cinza era casta.

<sup>3</sup>Certa vez, estando sentado para comer, um irmão contou-lhe que a bem-aventurada Virgem era tão pobrezinha, que não tinha o que dar de comer ao seu Filho na hora do almoço. <sup>4</sup>Ouvindo isto, o homem de Deus suspirou com grande dor, e, deixando a mesa, comeu pão sobre a terra nua.

<sup>5</sup>Muitas vezes, porém, estando à mesa para comer, logo de início, parava, deixava de comer e beber, absorto na meditação das coisas celestiais. <sup>6</sup>Não queria, então, que o impedissem com algumas palavras, soltando altos suspiros do íntimo do coração. Dizia também aos irmãos que sempre que o ouvissem suspirar desta maneira louvassem a Deus e pedissem fielmente por ele.

<sup>7</sup>Narramos estas coisas acerca do seu pranto e de sua abstinência, incidentalmente, para mostrar que, depois da visão e das palavras do Crucifixo, tornou-se sempre conforme à paixão de Cristo, até à morte.

*Capítulo 6 - Como fugiu pela primeira vez das perseguições do pai e dos parentes, ficando com o sacerdote de São Damião, em cuja janela jogara o dinheiro.*

- XVI -

**A**pós a mencionada visão e fala do Crucificado, levantou-se alegre, fazendo o sinal da cruz, montou a cavalo e pegou panos de diversas cores, indo para a cidade de Foligno e, tendo aí vendido o cavalo e tudo que levava, voltou logo para a igreja de São Damião.

<sup>2</sup>Tendo encontrado aí aquele sacerdote pobrezinho, beijou sua mão com grande fé e devoção e lhe ofereceu o dinheiro que levava, contando direitinho o seu propósito. <sup>3</sup>O sacerdote ficou estupefato e, admirado de sua súbita conversão, recusava-se a acreditar nisso; e achando que estava sendo enganado não quis ter aquele dinheiro consigo.

<sup>4</sup>Mas ele, insistindo com pertinácia, procurava fazer com que acreditasse em suas palavras e pedia mais fortemente ao sacerdote que lhe permitisse morar com ele.

<sup>5</sup>Afinal o sacerdote concordou quanto à morada, mas, por medo dos parentes, não recebeu o dinheiro. <sup>6</sup>Por isso, verdadeiro desprezador do dinheiro, jogou-o em uma janela, dando-lhe o valor de pó.

<sup>7</sup>Enquanto ele morava nesse lugar, o pai, como cuidadoso explorador, dava voltas para saber o que tinha acontecido com o filho. <sup>8</sup>Quando soube que ele estava tão mudado e morava de tal forma no referido lugar, foi tocado por uma dor interna no coração, e conturbado por aquela mudança inesperada, convocou amigos e vizinhos, e se dirigiu rapidamente para ele.

<sup>9</sup>Ele, porém, como era um novo soldado de Cristo, quando ouviu as ameaças dos perseguidores e percebeu que estavam chegando, deixou que a ira paterna extravasasse e foi para uma cova que tinha preparado para isso, e ficou escondido por um mês inteiro. <sup>10</sup>A cova só era conhecida por uma pessoa da casa paterna, e lá ele comia escondido o alimento que lhe davam de vez em quando, orando continuamente, lavado por uma torrente de lágrimas, para que o Senhor o livrasse dessa perseguição nociva e para que cumprisse com bondoso favor os seus piedosos votos.

- XVII -

**N**quanto orava assim ao Senhor, no jejum e no pranto, fervorosa e assiduamente, não confiando na sua força e habilidade, lançou sua esperança totalmente no Senhor, que, mesmo permanecendo ele nas trevas, banhara-o numa alegria inefável e o iluminara com uma claridade admirável.

<sup>2</sup>Todo aceso por essa luz, saiu da cova e tomou o caminho de Assis, sem preguiça, rápido e alegre. <sup>3</sup>Munido das armas da confiança em Cristo e abrasado pelo calor divino, censurando-se pela preguiça e vão temor, expõe-se abertamente às mãos e aos golpes dos perseguidores.

<sup>4</sup>Quando o viram, aqueles que antes o haviam conhecido injuriavam-no sem compaixão, chamando-o de insano e demente, e jogavam contra o barro das praças e pedras. <sup>5</sup>Vendo-o tão mudado dos antigos costumes e acabado pela mortificação da carne, atribuíam tudo o que fazia ao esgotamento e à loucura. <sup>6</sup>Mas o soldado de Cristo passou como um surdo por tudo isso e, não quebrado nem mudado por nenhuma injúria, dava graças a Deus.

<sup>7</sup>Como corresse esse boato sobre ele pelas praças e becos da cidade, chegou finalmente ao pai, que ao ouvir que os seus concidadãos faziam tais coisas contra ele, levantou-se imediatamente para buscá-lo, não para libertá-lo, antes para perdê-lo. <sup>8</sup>Sem observar moderação alguma, correu como um lobo contra a ovelha e, fixando-o com olhar turvo e rosto irado, lançou impiedosamente as mãos contra ele. <sup>9</sup>Arrastando-o para casa, e mantendo-o, por muitos dias, trancado num



cárcere tenebroso, esforçava-se, com palavras e açoites, por fazer seu ânimo se inclinar para a vaidade do século.

- XIII -

**D**ele, porém, sem se abalar por palavras, sem se cansar pelo cárcere ou pelos açoites, suportando tudo com paciência, tornava-se ainda mais pronto e mais forte para realizar seu santo propósito.

<sup>2</sup>Como seu pai saiu de casa por urgente necessidade, a mãe, que ficou sozinha com ele, não aprovando o procedimento de seu marido, dirigiu-se ao filho com meigas palavras. <sup>3</sup>Não conseguindo demovê-lo de seu santo propósito, profundamente comovida com ele, quebrou as correntes e deixou que fosse embora, livre. <sup>4</sup>Ele, dando graças a Deus onipotente, voltou ao lugar onde estivera antes, gozando maior liberdade, como quem fora provado pelas tentações do demônio, tirando delas maior experiência. E agora com ânimo mais firme pelas injúrias recebidas, caminhava mais livre e magnanimamente.

<sup>5</sup>Nesse meio tempo o pai voltou e, não encontrando o filho, acumulando mais pecados a seus pecados virou contra a esposa as suas injúrias.

- XIX -

**D**epois correu ao palácio da comuna queixando-se do filho diante dos cônsules da cidade, e pedindo que o obrigassem a restituir o dinheiro que levava,

espoliando a casa. <sup>2</sup>Os cônsules, vendo-o tão perturbado, por meio de mensageiro, intimam ou convocam Francisco a comparecer diante deles. <sup>3</sup>Ele, respondendo ao mensageiro, disse que pela graça de Deus já tinha sido libertado e não se submetia mais aos cônsules, porque só era servo do Deus Altíssimo. <sup>4</sup>Os cônsules, por sua vez, não querendo forçá-lo, disseram ao pai: “Desde que se pôs ao serviço de Deus, subtraiu-se ao nosso poder”.

<sup>5</sup>Vendo o pai que nada conseguia junto aos cônsules, propôs a mesma reclamação diante do bispo da cidade. <sup>6</sup>O bispo, porém, discreto e sábio, chamou-o o modo devido para comparecer a fim de responder à demanda do pai. <sup>7</sup>Ele respondeu ao enviado: “Ao Senhor Bispo irei, porque ele é pai e senhor das almas”.

<sup>8</sup>Foi, então, ao bispo, que o recebeu com grande alegria. <sup>9</sup>E o bispo disse: “Teu pai está muito irritado e escandalizado contigo. <sup>10</sup>Por isso, se queres servir a Deus, devolve-lhe o dinheiro que tens. O qual, como provém provavelmente de bens injustamente adquiridos, Deus não quer que o empregues em obras da igreja, por causa dos pecados de teu pai, cujo furor vai se acalmar quando o receber. <sup>11</sup>Tem pois, filho, confiança no Senhor, e comporta-te varonilmente; não tenhas medo porque Ele será o teu auxílio e para as obras de sua igreja dar-te-á abundantemente o que for necessário”.



homem de Deus levantou-se alegre e confortado pelas palavras do bispo e, apresentando-lhe o dinheiro, disse: “Senhor, quero devolver-lhe com alegria não somente o dinheiro que lhe pertence, mas também as roupas”.<sup>2</sup>Entrando na sala do bispo, tirou todas as suas roupas e, colocando o dinheiro em cima delas, diante do bispo, do pai e dos outros presentes, saiu nu<sup>3</sup>e disse: “Ouvi todos e entendei: até agora chamei de pai a Pedro de Bernardone, mas, como me propus servir a Deus, devolvo-lhe o dinheiro, pelo qual estava perturbado, e todas as roupas, que dele recebi de suas coisas, pois agora quero dizer: Pai nosso que estás nos céus, e não pai Pedro de Bernardone”.<sup>4</sup>Viu-se então que o servo de Deus tinha um cilício junto à carne, por baixo das roupas coloridas.



<sup>5</sup>O pai levantou-se, extremamente magoado e enfurecido, e recebeu o dinheiro e todas as vestes. <sup>6</sup>Enquanto as levava para casa, os que tinham assistido à cena indignaram-se contra ele, por não ter deixado ao filho nada de suas roupas. <sup>7</sup>Mas, movidos de compaixão começaram a chorar fortemente por Francisco.

<sup>8</sup>O bispo, porém, dando diligente atenção ao ânimo do homem de Deus e admirando muito seu fervor e constância, acolheu-o entre seus braços, cobrindo-o com seu manto. <sup>9</sup>Pois percebia abertamente que os seus gestos provinham de um conselho divino e reconhecia que o que vira continha um mistério não pequeno.

<sup>10</sup>Assim, desde então fez-se um auxiliador dele, exortando-o e animando-o, dirigindo-o e abraçando-o nas entranhas da caridade.

## **Capítulo 7 - De seu grande trabalho e aflição na restauração da igreja de São Damião, e como começou a vencer a si mesmo quando saiu para pedir esmola.**

- XXI -

**A**ssim, o servo de Deus, Francisco, despojado de todas as coisas que são do mundo, dedicou-se à justiça divina, e, desprezando a própria vida, entregou-se ao serviço divino por todos os modos possíveis. <sup>2</sup>Voltando à igreja de São Damião, alegre e fervoroso, fez para si um hábito como de eremita e

confortou o sacerdote daquela igreja com as mesmas palavras com que fora confortado pelo bispo.

<sup>3</sup>Depois, levantou, entrou na cidade e, como um ébrio do



espírito, começou a louvar o Senhor pelas praças e becos. <sup>4</sup>Mas quando acabou essa louvação do Senhor, voltou-se para adquirir pedras para a reparação da referida igreja <sup>5</sup>dizendo: “Quem me der uma pedra terá uma recompensa, <sup>6</sup>quem me

der duas, terá duas recompensas, <sup>7</sup>mas quem me der três, terá outras tantas recompensas”.

<sup>8</sup>Falava assim e com muitas outras palavras simples, porque era iletrado e simples, escolhido por Deus não por palavras doutas da sabedoria humana, mas portava-se em tudo simplesmente. <sup>9</sup>Muitos zombavam dele, julgando-o louco; outros ainda, movidos pela piedade, eram levados às lágrimas, vendo como ele abandonara tão grandes lascívia e vaidades do século e se deixara tão rapidamente inebriar do amor divino. <sup>10</sup>Mas ele, desprezando as caçoadas, dava graças a Deus, com todo fervor do espírito.

<sup>1</sup>Seria longo e difícil contar quanto trabalhou nessa obra. Ele mesmo, que fora tão delicado na casa paterna, carregava pedras nos próprios ombros, afligindo-se de muitas maneiras no serviço de Deus.

- XXII -



sacerdote de que falamos, considerando seu trabalho, isto é, que se dedicava tão fervorosamente acima de suas forças ao serviço de Deus, embora fosse tão pobrezinho, cuidava que se fizesse para ele alguma coisa especial para comer, pois sabia que tinha vivido delicadamente no século. <sup>2</sup>Com efeito, como o próprio homem de Deus confessou depois, muitas vezes servia-se de manjares delicados e pratos finos e abstinha-se dos alimentos que não eram de seu gosto.

<sup>3</sup>Mas quando percebeu, certo dia, o que o sacerdote fazia por ele, disse para si mesmo: - “Encontrarás acaso aonde quer que vás esse sacerdote para usar contigo de tanta cortesia? <sup>4</sup>Não é esta a vida de homem pobre que quiseste escolher. <sup>5</sup>Mas, como um pobre que vai de porta em porta leva um prato na mão, e forçado pela necessidade junta nele diversos alimentos, assim convém que vivas voluntariamente, por amor daquele que nasceu pobre, viveu paupérrimo no século, ficou nu e pobre no patíbulo e foi sepultado em sepulcro alheio”.

<sup>6</sup>Por isso, um dia levantou-se, pegou um prato e, entrando na cidade, foi pedindo esmola de porta em porta. <sup>7</sup>Como pusesse diversas comidas na escudela, muitos que sabiam com quanta regalia ele vivera, admiravam-se, vendo-o incrivelmente transformado, com tanto desprezo

de si mesmo. <sup>8</sup>Mas quando quis comer aquelas comidas misturadas, no começo ficou horrorizado, pois não estava acostumado nem a comer nem mesmo a querer ver essas coisas. <sup>9</sup>No fim, vencendo a si mesmo, começou a comer, e pareceu-lhe que nenhum outro manjar mais delicado lhe causasse tanto prazer na comida.

<sup>10</sup> Daí, tanto exultou o seu coração no Senhor, que a sua carne, embora fraca e aflita, fortaleceu-se para suportar com alegria pelo Senhor tudo que fosse áspero e duro. <sup>11</sup>E ainda deu graças a Deus que havia mudado para ele o que era amargo em doce e o havia confortado de muitas maneiras. <sup>12</sup>Por isso disse também àquele sacerdote que daí para frente não lhe fizesse nem mandasse fazer nenhuma comida.

- XXIII -

**M**as seu pai, vendo-o em tamanha vileza, enchia-se de uma dor enorme. <sup>2</sup>E como o havia amado muito, envergonhava-se e doía-se tanto por ele, vendo sua carne quase morta, por causa da mortificação demasiada e pelo frio. E onde quer que o encontrasse, amaldiçoava-o.

<sup>3</sup>O homem de Deus, preocupado com a maldição paterna, tomou a si como pai certo homem pobrezinho e desprezível, e disse-lhe: “Vem comigo e eu te darei algumas das esmolas que me derem. <sup>4</sup>Quando vires que meu pai me amaldiçoa, eu também te direi: 'Abençoa-me, pai', e tu farás sobre mim o sinal-da-cruz e abençoar-me-ás em seu lugar”. <sup>5</sup>De modo que quando o pobre o abençoava, o homem de Deus dizia ao pai:

“Não acreditas que Deus me pode dar um pai que me abençoa contra as tuas maldições?”

<sup>6</sup>Além disso, muitos que o escarneciam, vendo que, mesmo escarnecido, ele suportava tudo com paciência, ficavam extremamente admirados. <sup>7</sup>Certa manhã, vestido com roupas pobrezinhas em tempo de inverno, estava ele entregue à oração, quando seu irmão carnal passou por aquele lugar e disse ironicamente a um concidadão: “Diz a Francisco que te venda pelo menos um tostão de suor”. <sup>8</sup>Ouvindo isto o servo de Deus, cheio de gozo espiritual, em fervor de espírito, respondeu em francês: “Venderei ao meu Senhor, bem caro, este suor”.

- XXIV -

**M**as, quando trabalhava assiduamente na obra da mencionada igreja, desejando que nela estivessem as lamparinas sempre acesas, andava pela cidade mendigando azeite. <sup>2</sup>Chegou perto de uma casa e viu lá homens reunidos, jogando. Envergonhado de pedir esmola na frente deles, voltou atrás. <sup>3</sup>Mas caindo em si, censurou-se de haver pecado, e correndo ao lugar onde havia o jogo, declarou diante de todos os presentes a sua culpa por haver-se envergonhado de pedir esmola por causa deles. <sup>4</sup>E em fervor de espírito, entrando naquela casa, pediu em francês e por amor de Deus óleo para as lâmpadas da mencionada igreja.

<sup>5</sup>Continuando com outras pessoas que também trabalhavam na referida obra, clamava em francês em alta voz, com grande alegria, aos habitantes e aos que passavam perto da igreja: “Vinde e ajudai na obra da



igreja de São Damião, que futuramente será um mosteiro de senhoras por cuja fama e vida nosso Pai celeste será glorificado na Igreja universal".  
6Eis como, repleto do espírito de profecia, predisse verdadeiramente o futuro. 7Este é de fato aquele lugar sagrado, onde por intermédio do mesmo bem-aventurado Francisco, teve feliz início a religião e excelentíssima Ordem das Senhoras Pobres e Sagradas Virgens, quase seis anos após a conversão do bem-aventurado Francisco. 8Sua vida maravilhosa e sua instituição gloriosa foram plenamente confirmadas por autoridade da Sé apostólica pelo senhor papa Gregório nono, de santa memória, nesse tempo bispo de Óstia.

## **Capítulo 8 - Como, ouvidos e entendidos os conselhos de Cristo no Evangelho, imediatamente mudou o hábito exterior e vestiu um novo hábito de perfeição, interior e exteriormente**

- XXV -



1O bem-aventurado Francisco, tendo assim concluído a obra da igreja de São Damião, vestia um hábito de eremita, levava na mão um cajado, tinha os pés calçados e cingia uma correia. 2Certo dia, porém, durante a celebração da santa missa, ouvindo o que Cristo recomendava aos discípulos enviados a pregar: que não levassem no caminho nem ouro nem prata, nem sacola nem alforje, nem pão nem cajado, e não usassem nem calçados nem duas túnicas, 3e entendendo isso melhor, depois da explicação do sacerdote,

repleto de indizível contentamento, disse: “É isto que eu quero cumprir com todas as minhas forças”.

<sup>4</sup>Retendo pois em sua memória tudo o que ouvira, tratou de cumprir alegremente aquelas palavras. Despojou-se logo do que tinha em dobro e, desde aquele momento, já não usava nem bordão, nem calçados, nem sacola ou alforje. <sup>5</sup>Fez para si uma túnica bem desprezível e rústica, abandonou a correia e cingiu-se com uma corda. <sup>6</sup>Colocando também toda solicitude do coração nas palavras da nova graça, para poder pô-las em prática, começou, por instinto divino, a ser um anunciador da perfeição evangélica e a pregar a penitência em público com simplicidade. <sup>7</sup>Suas palavras não eram vazias nem ridículas mas, cheias da força do Espírito Santo, penetravam tão profundamente a medula dos corações que deixavam muito admirados os ouvintes.

## - XXVI -




Como ele mesmo mais tarde atestou, por revelação divina, havia aprendido esta saudação: “O Senhor te dê a paz”. <sup>2</sup>Por isso, no início de qualquer pregação sua, saudava o povo anunciando a paz.

<sup>3</sup>E é certamente admirável, para admitir como milagroso, que antes de sua conversão tinha tido um precursor no anúncio dessa saudação, que andara freqüentemente por Assis saudando deste modo: “Paz e Bem! Paz e Bem!” <sup>4</sup>Por isso se acreditou com firmeza que como João, prenunciando Cristo, parou quando Cristo começou a anunciar, assim esse homem, como um outro João precedeu o bem-aventurado

Francisco na anunciação da paz e depois de sua vinda não compareceu mais como antes.

<sup>5</sup>Pois, de repente, Francisco, o homem de Deus, penetrado do espírito dos profetas de acordo com a palavra profética, logo depois daquele seu precônio, anunciava a paz, pregava a salvação, e com as suas salutares admoestações, muitos daqueles que tinham discordado de Cristo e estavam longe da salvação uniam-se na verdadeira paz.

## - XXVII -

uando muita gente começou a conhecer a verdade da doutrina e da vida tão simples de Francisco, alguns homens começaram, dois anos depois de sua conversão, a animar-se para a penitência pelo seu exemplo e, deixando tudo, a unir-se a ele pelo hábito e pela vida, sendo que o primeiro deles foi Frei Bernardo, de santa memória.

<sup>2</sup>O qual, considerando a constância e o fervor do bem-aventurado Francisco no serviço divino, isto é, como reparava igrejas com muito trabalho e a vida áspera que levava, sabendo que no século ele tinha levado uma vida delicada, propôs em seu coração dar aos pobres tudo que tinha e juntar-se firmemente a ele, pela vida e pelo hábito.

<sup>3</sup>Assim, certo dia, aproximou-se ocultamente do homem de Deus, revelou-lhe seu propósito e combinou com ele que em certa noite fosse a sua casa. <sup>4</sup>O bem-aventurado Francisco, dando graças a Deus, porque até então não tinha nenhum companheiro, muito se alegrou,

especialmente porque o Senhor Bernardo era homem de vida bem edificante.

### - XXVIII -

**N**a noite combinada, foi o bem-aventurado Francisco à casa de Bernardo, com grande alegria no coração, e permaneceu com ele toda aquela noite. <sup>2</sup>Entre outras coisas, o senhor Bernardo disse: - “Se alguém recebesse de seu patrão muito ou pouco, e conservasse esses bens por muitos anos e não quisesse mais retê-los, o que era melhor que fizesse com eles?” <sup>3</sup>O bem-aventurado Francisco respondeu que deveria devolvê-los ao patrão de quem os recebera. <sup>4</sup>E o senhor Bernardo disse: “Portanto, irmão, todos os meus bens temporais quero distribuir, por amor do meu Senhor, de quem os recebi, conforme te parecerá mais conveniente. <sup>5</sup>O santo disse: “Amanhã, bem cedinho, iremos à igreja, e pelo códice dos Evangelhos saberemos como o Senhor ensinou a seus discípulos”.

<sup>6</sup>Por isso, levantando-se cedo, foram à Igreja de São Nicolau, perto da praça da cidade de Assis, com um outro chamado Pedro, que também queria ser irmão. <sup>7</sup>Entrando nela para orar, como eram simples e não sabiam achar a passagem do Evangelho a respeito da renúncia do século, devotamente rogavam ao Senhor que se dignasse mostrar-lhes a sua vontade na primeira vez que abrissem o livro.

**T**erminada a oração, o bem-aventurado Francisco, tomando o livro fechado, de joelhos diante do altar, abriu-o. <sup>2</sup>Ao abrir a primeira vez, encontrou este conselho do Senhor: “Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu”.

<sup>3</sup>Descobrimdo isso, o bem-aventurado Francisco ficou muito contente e deu graças a Deus. <sup>4</sup>Mas como era um verdadeiro adorador da Santíssima Trindade, quis que isto fosse confirmado com um tríplice testemunho. E abriu o livro pela segunda e pela terceira vez. <sup>5</sup>Na segunda abertura apareceu isto: “Não leveis nada no caminho... etc”. <sup>6</sup>E na terceira, isto: “Quem quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, etc”. <sup>7</sup>O bem-aventurado Francisco, tendo dado graças a Deus em cada uma das aberturas do livro pela confirmação de seu propósito e de seu desejo então concebido, que lhe foi exibida e demonstrada três vezes divinamente, disse aos referidos varões, Bernardo e Pedro: <sup>8</sup>“Irmãos, esta é nossa vida e regra e de todos que quiserem unir-se à nossa sociedade. Ide, pois, e fazei como ouvistes”.

<sup>9</sup>Então o senhor Bernardo, que era muito rico, foi e, tendo vendido tudo que possuía e tendo ajuntado muito dinheiro, distribuiu tudo aos pobres da cidade. <sup>10</sup>Pedro também cumpriu o conselho divino como pôde.

<sup>11</sup>Despojando-se de tudo, ambos tomaram o hábito, que o santo assumira pouco antes, após ter deixado o hábito de eremita. Desde


então, viveram juntamente com ele, segundo a forma do santo Evangelho, que o Senhor lhes havia manifestado. <sup>12</sup>Foi por isso que São Francisco disse em seu Testamento: “O próprio Senhor revelou-me que deveria viver segundo a forma do santo Evangelho”.

### *Capítulo 9 – Sobre o modo da vocação de Frei Silvestre e da visão que teve antes de seu ingresso na Ordem.*

- XXX -

**F** enquanto o Senhor Bernardo distribuía os seus bens aos pobres, como ficou dito, estava presente o bem-aventurado Francisco, observando a virtuosa obra do Senhor, e dando-lhe glória e louvor em seu coração. <sup>2</sup>Chegou então um certo sacerdote chamado Silvestre, de quem o bem-aventurado Francisco havia comprado pedras para a reparação da Igreja de São Damião, e vendo todo aquele dinheiro sendo gasto por conselho do homem de Deus, aceso no fogo da cobiça, disse-lhe: “Francisco, não me pague bem pelas pedras que me compraste”. <sup>3</sup>Ouvindo o desprezador da avareza como ele murmurava injustamente, aproximou-se do Senhor Bernardo, e colocando a mão dentro de seu manto, onde estava o dinheiro, com grande fervor de espírito, tirou-a cheia de moedas e deu-as ao presbítero queixoso. <sup>4</sup>E enchendo outra vez a mão de moedas, perguntou-lhe: “Estás bem pago agora, senhor sacerdote?” Este respondeu: “Plenamente, irmão”. <sup>5</sup>E alegre voltou à sua casa com o dinheiro assim recebido.


- XXXI -

 Poucos dias depois, o mesmo sacerdote, inspirado por Deus, começou a pensar sobre o que o bem-aventurado Francisco tinha feito e dizia consigo mesmo: “Não sou eu um homem miserável que, sendo velho, cobiço e procuro as coisas deste mundo, enquanto este jovem, por amor de Deus, os despreza e aborrece !?”

<sup>2</sup>Na noite seguinte viu, em sonho, uma cruz imensa, cuja ponta tocava os céus, o pé estava fincado na boca de Francisco e os braços estendiam-se de uma parte a outra do mundo.

<sup>3</sup>Ao despertar, o sacerdote reconheceu e creu firmemente que Francisco era verdadeiramente amigo e servo de Cristo e a religião que ele havia fundado logo se espalharia pelo mundo inteiro. <sup>4</sup>Assim, começou a temer a Deus e a fazer penitência em sua casa. <sup>5</sup>Enfim, depois de pouco tempo, entrou na Ordem já iniciada, na qual viveu otimamente e morreu gloriosamente.

- XXXII -

 homem de Deus Francisco, tendo-se associado, como foi dito, a dois irmãos, e não dispondo de morada onde permanecer com eles, transferiu-se com os mesmos a uma pequena igreja, pobrezinha e abandonada, chamada Santa Maria da Porciúncula, e ali fizeram uma cabana onde morassem juntos de vez em quando.

<sup>2</sup>Alguns dias depois, um homem assisiense, chamado Egídio, veio ter com eles, e com grande reverência e devoção, de joelhos, rogou ao homem de Deus que o recebesse em sua companhia. <sup>3</sup>Como o homem de Deus viu que ele era fidelíssimo e devoto, e que poderia alcançar muita graça de Deus, como depois se viu de fato, recebeu-o de boa vontade. <sup>4</sup>Unidos estes quatro, com imensa alegria e gozo do Espírito Santo, dividiram-se para maior proveito da seguinte forma:



- XXXIII -

**T**omando consigo Frei Egídio, o bem-aventurado Francisco dirigiu-se à Marca de Ancona; os outros dois partiram para outra região. <sup>2</sup>Indo para a Marca,



exultavam fortemente no Senhor, mas o homem santo, cantando os louvores do Senhor em voz alta e em francês, bendizia e glorificava a bondade do Altíssimo. <sup>3</sup>A alegria era tanta como se tivessem encontrado o grande tesouro no terreno evangélico da senhora pobreza, por cujo amor tinham desprezado todas as coisas temporais livremente e de boa vontade, como se fossem esterco.

<sup>4</sup>Disse o santo a Frei Egídio: “Nossa religião será semelhante a um pescador que lança suas redes na água pegando uma grande quantidade de peixes mas, deixando os pequenos na água, escolhe os maiores para sua vasilha”. <sup>5</sup>E dessa forma profetizou como a Ordem deveria dilatar-se.

<sup>6</sup>Embora o homem de Deus ainda não estivesse plenamente pregando ao povo, quando passava pelas cidades e aldeias exortava todos a que amassem e temessem a Deus e fizessem penitência dos pecados.

<sup>7</sup>Frei Egídio admoestava os ouvintes a crerem nele, porque os estava aconselhando otimamente.

#### - XXXIV -

**M**as os que os ouviam diziam: -- “Quem são eles? E que significam as palavras que dizem?” <sup>2</sup>De fato, naquele tempo, estavam quase extintos o amor e o temor a Deus, o caminho da penitência era absolutamente ignorado e até tido como bobagem. <sup>3</sup>A sedução da carne, a cobiça do mundo e a soberba da vida haviam dominado tanto, que o mundo inteiro parecia colocado nesses três males.

<sup>4</sup>Havia, portanto, opiniões bem variadas sobre esses homens evangélicos. <sup>5</sup>Uns diziam que eram estultos e beberrões, outros afirmavam que suas palavras não procediam de estultice. <sup>6</sup>Um dos ouvintes disse: “Ou eles, por amor da suma perfeição, aderiram a Deus, ou com certeza são loucos, porque suas vidas parecem sem esperança, usam pouco alimento, andam descalços e se vestem com roupas miseráveis”.

<sup>7</sup>Mas, no meio disso tudo, embora alguns ficassem com medo vendo a forma de seu santo comportamento, ainda não havia alguns que os seguissem, mas as moças, quando os viam de longe, fugiam de medo de serem, por acaso, levadas pela estultície e insanidade.

<sup>8</sup>Quando percorreram aquela província, voltaram ao dito lugar de Santa Maria.

- XXXV -

**P**assados poucos dias, vieram a eles mais três homens de Assis: Sabatino, Moorico e João de Capela, suplicando ao bem-aventurado Francisco que os recebesse como irmãos. <sup>2</sup>E ele os recebeu, humilde e bondosamente.


<sup>3</sup>Mas quando iam pela cidade pedindo esmolas, mal havia quem lha desse; xingavam-nos dizendo que tinham deixado as suas coisas para comer as dos outros, e por isso passavam a maior penúria. <sup>4</sup>Seus pais e parentes e consangüíneos perseguiam-nos, e outros da cidade riam-se deles como insensatos e bobos, porque naquele tempo ninguém deixava suas coisas para pedir esmolas de porta em porta.

<sup>5</sup>Mas o bispo da cidade de Assis, a quem freqüentemente o homem de Deus ia pedir conselhos, recebendo-o bondosamente lhe disse: “essa vossa vida me parece dura e áspera: não ter nada no século”. <sup>6</sup>O santo lhe disse: “Senhor, se tivéssemos alguma propriedade, precisaríamos de armas para nossa proteção”. <sup>7</sup>Pois é daí que surgem litígios e contendas que de muitas maneiras costumam impedir o amor de Deus e do próximo. <sup>8</sup>Por isso não queremos ter nada de temporal neste século”. <sup>9</sup>Muito agradou ao bispo a resposta do homem de Deus, que desprezara todas as coisas transitórias e especialmente o dinheiro. <sup>10</sup>Tanto que, em todas as suas Regras, muito recomendou, fazendo todos os frades serem solícitos para evitar o dinheiro.

<sup>11</sup>Pois fez muitas Regras, e as experimentou antes de fazer a última que deixou para os frades. <sup>12</sup>Numa delas, disse, como execração do dinheiro: “Nós que tudo deixamos, guardemo-nos de perder o reino dos céus por tão pouco”. <sup>13</sup>E se encontrarmos dinheiro em algum lugar, não cuidemos dele mais do que do pó que pisamos”.

*Capítulo 10 - Como predisse a seus seis companheiros o que aconteceria quando fossem pelo mundo, exortando-os à paciência.*

- XXXVI -

 á repleto da graça do Espírito Santo, São Francisco chamou a si os referidos seis irmãos e lhes predisse o que haveria de acontecer. <sup>2</sup>“Consideremos, irmãos caríssimos, a nossa vocação, pela qual Deus nos chamou com

misericórdia, não só para a nossa salvação, mas para a de muitos, a fim de irmos pelo mundo, exortando a todos, mais com o exemplo que com a palavra, a fazer penitência de seus pecados e lembrar-se dos mandamentos de Deus. <sup>3</sup>Não tenhais medo por parecerdes poucos e ignorantes, mas com firmeza e simplicidade anunciai a penitência, confiando no Senhor, que venceu o mundo, porque por seu Espírito falará por meio de vós e em vós para exortar a todos que se convertam a Ele e observem seus mandamentos. <sup>4</sup>“Encontrareis alguns homens fiéis, mansos e bondosos, que com alegria receberão a vós e as vossas palavras, e muitos outros sem fé, soberbos e blasfemos, que, injuriando-vos, resistirão a vós e a tudo aquilo que disserdes. <sup>5</sup>Ponde, pois, em vossos corações tolerar tudo com paciência e humildade”.

<sup>6</sup>Ouvindo isso, os frades começaram a ter medo. <sup>7</sup>Disse-lhes o santo: “Não temais, porque não passará muito tempo e virá a nós um grande número de sábios e nobres, que ficarão conosco pregando aos reis e aos príncipes e a incontáveis povos. <sup>8</sup>Muitos converter-se-ão ao Senhor, e pelo mundo inteiro multiplicará e aumentará a sua família”.

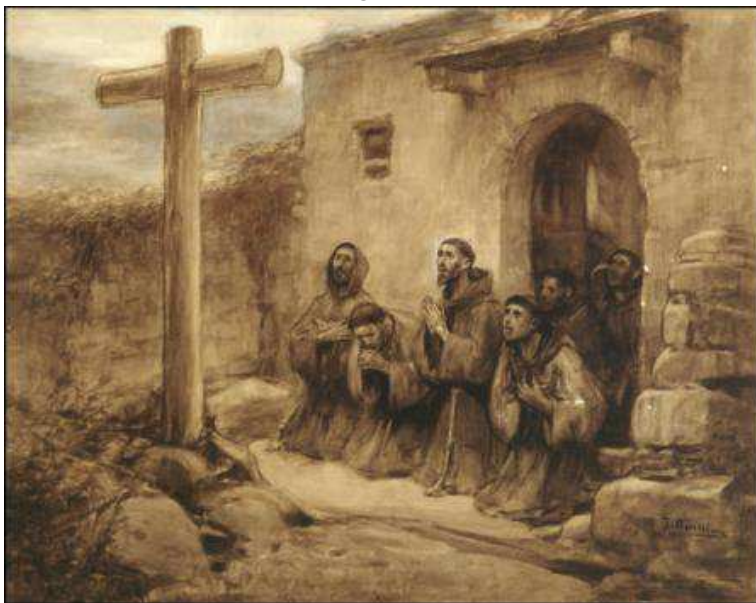
### - XXXVII -

**T**endo-lhes dito isso, abençoou-os. E os homens de Deus foram devotamente, e observando suas advertências. <sup>2</sup>Quando encontravam alguma igreja ou cruz, ajoelhavam-se para rezar e devotamente diziam: “Nós te adoramos, ó Cristo, e te bendizemos, por causa de todas as tuas igrejas que estão no mundo inteiro, porque pela tua santa cruz remiste o mundo”.

<sup>3</sup>Pois achavam que estavam sempre encontrando um lugar de Deus onde quer que encontrassem uma cruz ou uma igreja.

<sup>4</sup>Todos que os viam admiravam-se muito porque, no hábito e no modo de viver eram tão diferentes dos outros e quase pareciam homens do mato. <sup>5</sup>Onde quer que entrassem, fosse cidade ou aldeia, povoado ou casa, anunciavam a paz, exortando a todos para que temessem e amassem o Criador do céu e da terra e observassem seus mandamentos.

<sup>6</sup>Uns, de boa vontade, os escutavam, outros, ao contrário, riam-se deles; muitos os cansavam interrogando-os: “De onde sois?” Outros perguntavam que Ordem seria a deles. <sup>7</sup>Embora lhes custasse muito responder a todas essas perguntas, com simplicidade confessavam que eram homens de penitência, oriundos da cidade de Assis. <sup>8</sup>Pois sua ordem ainda não se chamava religião.



## XXXVIII -

**M**uitos os julgavam enganadores e loucos e não queriam admiti-los em casa para que, como ladrões, tirassem furtivamente as suas coisas. <sup>2</sup>Por este motivo, em muitos lugares, após terem recebido um sem-número de injúrias, abrigavam-se sob os pórticos das igrejas ou das casas.

<sup>3</sup>Nesse mesmo tempo, dois deles estavam em Florença, onde tinham percorrido a cidade mendigando mas não tinham conseguido onde se hospedar. <sup>4</sup>Chegando a certa casa que tinha um pórtico, e dentro do pórtico um forno, disseram: -- “Aqui poderemos hospedar-nos”. <sup>5</sup>Pediram à dona da casa que os recebesse dentro de casa, mas como ela recusasse, rogaram humildemente que pelo menos lhes permitisse descansar por aquela noite junto ao forno.

<sup>6</sup>Isso foi concedido por ela, mas o marido chegou e encontrando-os no pórtico. Chamou a esposa e lhe disse: -- :Por que Ela consentiu. Mas chegou o marido e os encontrou no pórtico e chamando a mulher disse-lhe: “Por que deste hospedagem em nosso pórtico a estes vagabundos?” <sup>7</sup>Ela respondeu que não quisera recebê-los em casa, mas lhes concedera que ficassem no pórtico, onde nada podiam roubar a não ser a lenha. <sup>8</sup>Não quis o marido que lhes fosse dado qualquer agasalho, embora fizesse frio intenso naquele tempo, porque julgava que fossem vagabundos e ladrões.

<sup>9</sup>Naquela noite, tendo repousado até o alvorecer junto ao forno, com um sono breve e sóbrio, só aquecidos pelo calor divino e

cobertos com o manto da Senhora Pobreza, foram para a igreja mais próxima para ouvir o ofício da manhã.

- XXXIX -

**N**a mesma manhã, aquela mulher foi por acaso à igreja e vendo ali aqueles irmãos persistindo tão devotamente na oração, pensou consigo: -- “Se esses homens fossem vagabundos e ladrões, como meu marido disse, não ficariam assim aqui rezando reverentemente”. <sup>2</sup>Enquanto pensava isso, um homem, chamado Guido, distribuía esmola aos pobres que permaneciam naquela igreja.

<sup>3</sup>Quando chegou aos frades e quis dar a cada um uma moeda, como dava aos outros, eles se recusaram e não quiseram receber o dinheiro. <sup>4</sup>Ele lhes disse: “Por que vós, sendo pobres, não recebeis dinheiro como os outros?” <sup>5</sup>Respondeu Frei Bernardo: “É verdade que somos pobres, mas para nós a pobreza não pesa tanto como para os outros pobres, pois por graça de Deus, cujo desígnio estamos cumprindo, nos fizemos pobres voluntariamente”. <sup>6</sup>O homem ficou admirado do que ouvia e perguntou-lhes se já tinham possuído algo. Responderam-lhe que haviam possuído muitas coisas, mas por amor de Deus tinham dado tudo aos pobres. <sup>7</sup>Esse que assim respondeu foi aquele Frei Bernardo, segundo depois do bem-aventurado Francisco, que hoje acreditamos ser um pai santíssimo. <sup>8</sup>Foi o primeiro que abraçou a delegação da paz e da penitência e correu atrás do santo de Deus, tendo vendido tudo que tinha e dado aos pobres segundo o conselho da perfeição evangélica, e perseverando até o fim na santíssima pobreza.

<sup>9</sup>A referida mulher, vendo que os irmãos não haviam aceito o dinheiro, aproximando-se disse-lhes que de boa vontade os receberia em sua casa, se quisessem ir lá para se hospedar. <sup>10</sup>Os irmãos humildemente responderam: “Deus te recompense pela boa vontade”. <sup>11</sup>Mas o referido varão, ouvindo que os irmãos não haviam podido encontrar hospedagem, levou-os para sua casa, dizendo: “Eis a hospedagem preparada por Deus para vós. Ficai aqui conforme vos aprouver”. <sup>12</sup>Mas eles, dando graças a Deus, permaneceram junto dele alguns dias, edificando-o por seu exemplo e palavra, no temor de Deus, de maneira que, depois, ele deu muitas esmolas aos pobres.

- XL -

**M**as ainda que tenham sido tratados bondosamente por esse, por outros eram tidos como vilíssimos, de modo que muitos, pequenos e grandes, os reprovavam e injuriavam, tirando deles, às vezes, até as roupas paupérrimas que tinham. <sup>2</sup>Como os servos de Deus ficavam nus, porque só vestiam uma túnica, conforme o conselho do santo Evangelho, não reclamavam que devolvessem o que tinham tirado. <sup>3</sup>Mas se alguns, movidos pela piedade, queriam devolver-lhes o que tinham levado, eles as recebiam de boa vontade.


<sup>4</sup>Alguns jogavam barro neles; outros, pondo dados nas suas mãos, convidavam-nos a jogar; outros, agarrando-os pelo capuz, carregavam-nos suspensos nas costas.



<sup>5</sup>Faziam-lhes estas e outras coisas semelhantes, considerando-os tão desprezíveis, que ousadamente os atormentavam como queriam. <sup>6</sup>Além disso, na fome e na sede, no frio e na nudez, toleravam tribulações e angústias imensas. <sup>7</sup>Suportavam tudo isto com paciência e constância, como tinham sido aconselhados pelo bem-aventurado Francisco, sem se entristecer, nem se perturbar, nem amaldiçoar os que os maltratavam. <sup>8</sup>Mas como homens perfeitamente evangélicos, resolvidos a conseguir grande lucro, exultavam fortemente no Senhor, tendo toda alegria quando se encontravam nessas tentações e tribulações, e, de acordo com a palavra do Evangelho, rezavam solícita e fervorosamente por seus perseguidores.

*Capítulo 11 - Da recepção de outros quatro frades e da ardentíssima caridade que tinham entre si os primeiros frades, e da solícitude para trabalhar e rezar, e de sua perfeita obediência.*

- XLI -

 Quando as pessoas viam que os frades exultavam em suas tribulações, insistiam solícita e devotamente na oração e não recebiam nem levavam dinheiro, e tinham o maior amor entre si, pelo qual eram reconhecidos como verdadeiros discípulos do Senhor, muitos ficavam de coração compungido e os procuravam para pedir desculpas pelas ofensas feitas. <sup>2</sup>Eles os perdoavam de todo o coração, dizendo: “Deus vos poupe”, e os admoestavam saudavelmente acerca de sua salvação.

<sup>3</sup>Alguns rogavam aos irmãos que os recebessem em sua companhia. <sup>4</sup>Como todos aqueles seis tinham autoridade concedida pelo bem-aventurado Francisco de aceitar novos irmãos na Ordem, porque os frades eram poucos, receberam alguns em sua companhia, e com todos a Santa Maria da Porciúncula. <sup>5</sup>Ao se encontrarem de novo, ficavam cheios de tanto prazer e contentamento, como se já não se lembrassem dos sofrimentos que os maus lhes haviam infligido.

<sup>6</sup>Todos os dias eram solícitos para orar e trabalhar com as próprias mãos para afastar absolutamente toda ociosidade, inimiga da alma. <sup>7</sup>Levantavam-se dedicadamente à meia-noite e oravam com muita devoção, com imensas lágrimas e suspiros. <sup>8</sup>Amavam-se com entranhado amor e cada qual servia e nutria o outro como uma mãe com seu filho único e dileto. <sup>9</sup>Ardia neles tanta caridade, que lhes parecia fácil entregar seus corpos à morte, não só por amor de Cristo, mas também pela salvação da alma ou do corpo de seus confrades.

## - XLII -

**P**or isso, um dia, quando dois desses irmãos iam juntos, encontraram um louco, que começou a atirar-lhes pedras. <sup>2</sup>Vendo um deles que as pedras iam ferir o outro, logo se colocou na frente das pedradas, preferindo que elas o atingissem e não ao outro irmão, por causa da mútua caridade em que ardiam: assim estavam prontos a dar a vida um pelo outro.

<sup>3</sup>Estavam tão fundamentados e arraigados na humildade e na caridade, que um reverenciava o outro como pai e senhor, e aqueles que

se destacavam por ofício do cargo ou por algum dom natural, pareciam mais humildes e vis que os outros. <sup>4</sup>Todos também ofereciam-se inteiros para obedecer, preparando-se sempre para a vontade de quem mandava. <sup>5</sup>Não faziam distinção entre preceito justo ou injusto, porque tudo o que era ordenado julgavam conforme à vontade do Senhor. <sup>6</sup>Assim, observar os preceitos era para eles fácil e suave. <sup>7</sup>Abstinham-se dos desejos carnis, julgando cuidadosamente a si mesmos e tomando cuidado para que um não ofendesse ao outro de modo algum.


- XLIII -

**N**se acontecia alguma vez de um dizer ao outro qualquer palavra que o pudesse perturbar, tanto lhe remordia a consciência, que não podia descansar até que não dissesse a sua culpa, prostrando-se no chão, humildemente, a fim de que o irmão ofendido lhe pusesse o pé sobre a boca. <sup>2</sup>Se o irmão ofendido não quisesse pôr o pé sobre a boca do ofensor, este, sendo prelado, ordenava-lhe em nome da obediência; mas se o ofensor era súdito, ele mesmo fazia com que tal lhe fosse ordenado pelo prelado. <sup>3</sup>Assim esforçavam-se por afastar todo rancor e malícia, para que fosse conservada a perfeita caridade entre eles, empenhando-se quanto podiam por opor a cada vício uma virtude, com o impulso e o auxílio da graça de Jesus Cristo.


<sup>4</sup>Além disso, nada reivindicavam como próprio, mas usavam em comum os livros e outras coisas recebidas, segundo a forma transmitida e mantida pelos apóstolos. <sup>5</sup>Embora houvesse verdadeira

pobreza neles e entre eles, eram contudo liberais e pródigos com todas as coisas que Deus lhes concedia, dando de boa vontade por seu amor a todos que pedissem e especialmente aos pobres as esmolas a eles oferecidas.

- XLIV -

uando iam pela estrada e encontravam pobres pedindo alguma coisa por amor de Deus, não tendo o que oferecer, davam alguma parte de suas roupas, embora de nenhum valor. <sup>2</sup>Pois às vezes davam o capuz, separando-o da túnica, outras vezes a manga e alguma vez outra parte, descosturando-a da túnica para cumprirem aquilo do Evangelho: “Darás a todo que te pedir”. <sup>3</sup>Certo dia chegou um pobre à igreja de Santa Maria da Porciúncula, onde, às vezes, os irmãos moravam, e pediu esmola. <sup>4</sup>Havia um manto que um irmão usara quando secular. <sup>5</sup>Quando São Francisco lhe disse para dá-lo ao pobre, deu-o de boa vontade e rapidamente. <sup>6</sup>Pela reverência e devoção com que o irmão havia dado aquela esmola ao pobre, pareceu-lhe ver na mesma hora aquela esmola subindo ao céu e sentiu-se inundado de novo júbilo.

- XLV -

uando os ricos deste mundo iam visitá-los, recebiam-nos alegre e bondosamente, procurando tirá-los do mal e provocá-los à penitência. <sup>2</sup>Pediam também com insistência para não serem enviados às terras de onde eram oriundos, a fim de fugirem à familiaridade e convivência com seus consangüíneos, e

observar a palavra profética: “Tornei-me um estranho para meus irmãos e peregrino para os filhos de minha mãe”.

<sup>3</sup>Muito se alegravam na pobreza, porque não cobiçavam riquezas, mas desprezavam tudo o que é transitório e objeto da cobiça dos amantes deste mundo. <sup>4</sup>Especialmente o dinheiro, calcavam-no aos pés como poeira, e assim como haviam aprendido do santo, consideravam-no do mesmo valor e preço como se fosse esterco de asno.

<sup>5</sup>Regozijavam-se continuamente no Senhor pois não tinham dentro de si por que se contristar com alguma coisa. <sup>6</sup>De fato, quanto mais separados do mundo, mais estavam unidos a Deus. <sup>7</sup>Seguindo o caminho da cruz e as sendas da justiça, removiam os obstáculos do caminho estreito da penitência e os tropeços da observância evangélica, a fim de que se tornasse via plana e segura para os que viessem depois.

## **Capítulo 12 - Como o bem-aventurado Francisco, com os onze companheiros, foi à cúria do papa notificar-lhe seu propósito e conseguir a aprovação da Regra que havia escrito**

- XLVI -

**T**endo o bem-aventurado Francisco que Deus fazia crescer seus irmãos em número e mérito, sendo eles já doze homens perfeitíssimos e tendo os mesmos sentimentos, disse aos onze, ele que era o duodécimo, guia e pai deles: “Vejo, irmãos, que Deus, por sua misericórdia, quer que nossa congregação cresça.

<sup>2</sup>Vamos, pois, à nossa Mãe a Santa Igreja Romana, notifiquemos ao Sumo Pontífice o que o Senhor começou a fazer por nosso intermédio, a fim de que, conforme a sua vontade e ordem, continuemos o que começamos”.

<sup>3</sup>Como tivesse agradado aos outros frades o que foi dito pelo pai e tivessem começado com ele o caminho para a cúria, disse-lhes: <sup>4</sup>“Façamos um de nós como nosso guia, e o tenhamos como representante de Jesus Cristo. Aonde for, para lá iremos. Quando quiser se hospedar, nos hospedaremos”. <sup>5</sup>Elegeram Frei Bernardo, o primeiro após o bem-aventurado Francisco, e observaram o que o pai lhes dissera.

<sup>6</sup>Caminhavam contentes, falando palavras do Senhor, não se atrevendo a falar outra coisa a não ser o que fosse para louvor e glória de Deus e utilidade da alma, e freqüentemente se entregavam à oração. <sup>7</sup>O Senhor sempre lhes preparava hospedagem, fazendo com que lhes dessem o necessário.

## - XLVII -

**M**as quando chegaram a Roma e ali encontraram o bispo da cidade de Assis, foram recebidos por ele com grande alegria, pois o venerava o bem-aventurado Francisco e todos os frades com especial afeto. <sup>2</sup>Não conhecendo a razão da sua vinda, começou a perturbar-se, pensando que quisessem abandonar a sua pátria, onde o Senhor começara, através deles, a operar maravilhas. <sup>3</sup>De fato, ficava muito contente de ter em sua diocese tais homens, de cuja vida e costumes esperava o máximo. <sup>4</sup>Mas tendo ouvido

o motivo e entendido seu propósito, muito se alegrou, prometendo-lhes conselho e auxílio no empreendimento.

<sup>5</sup>Era esse bispo conhecido de certo cardeal, bispo de Sabina, que se chamava Dom João de São Paulo, verdadeiramente cheio da graça de Deus, muito amigo dos servos de Deus. <sup>6</sup>O bispo de Assis contara-lhe a vida do bem-aventurado Francisco e de seus irmãos, e por isso desejava ardentemente ver o homem de Deus e alguns de seus companheiros.

<sup>7</sup>Ouvindo que estavam em Roma, mandou chamá-los e os recebeu com grande reverência e amor.

#### - XLVIII -

**N**os poucos dias que moraram com ele, de tal modo o edificaram pelas santas palavras e exemplos, que, vendo resplandecer nas ações o que deles havia ouvido, recomendou-se humilde e devotamente às suas orações. Pediu também, como uma graça especial, que desejava ser considerado, desde aquele momento, como um dos irmãos. <sup>2</sup>Enfim, perguntando ao bem-aventurado Francisco por que viera, e ouvindo dele todo seu propósito e intenção, ofereceu-se como seu procurador na Cúria. <sup>3</sup>Dirigiu-se, pois, o referido cardeal à Cúria e disse ao Senhor Papa Inocêncio III: “Encontrei um homem perfeitíssimo que pretende viver segundo a forma do santo Evangelho e observar em tudo a perfeição evangélica. Creio que por meio dele Deus quer reformar no mundo inteiro a fé da Santa Igreja”. <sup>4</sup>Ouvindo isto, o Senhor Papa ficou muito admirado e mandou ao cardeal que lhe trouxesse o bem-aventurado Francisco.

No dia seguinte, o homem de Deus foi apresentado pelo cardeal ao Sumo Pontífice, a quem tornou patente todo seu santo propósito.<sup>2</sup>O Pontífice, como era notável por sua discrição, concordou, no devido modo, com os desejos do santo e, exortando a ele e aos seus irmãos acerca de muitas coisas, abençoou-os dizendo: “Ide com o Senhor, irmãos, e assim como ele se dignar inspirar-vos, pregai a penitência a todos.<sup>3</sup>E quando Deus onipotente vos multiplicar com maior número e graça, no-lo referireis, e nós vos concederemos mais do que isso, encarregando-vos de coisas mais importantes”.

<sup>4</sup>Desejando, porém, o Senhor Papa saber se o que havia concedido e o que havia de conceder era conforme a vontade do Senhor,





antes que o santo se despedisse, disse a ele e aos seus companheiros:  
5“Filhinhos nossos, a vossa vida nos parece muito dura e áspera, embora acreditemos que tendes tamanho fervor que não podemos duvidar de vós, mas temos que pensar naqueles que haverão de seguir-vos, para que esse caminho não lhes pareça áspero demais”. 6Vendo que, pela constância de sua fé e pela âncora da esperança firmemente robustecida em Cristo, não queriam retroceder em seu fervor, disse ao bem-aventurado Francisco:  
7“Filho, vai e pede a Deus que te revele se o que vós procurais procede de sua vontade, porquanto, sabendo a vontade do Senhor, daremos nosso consentimento aos teus desejos”.

- L -



rando o santo de Deus, conforme o papa lhe havia sugerido, falou-lhe o Senhor Deus em espírito por esta semelhança: “Certa mulher pobrezinha e formosa vivia num deserto. Um grande rei, admirando-lhe a beleza, desejou recebê-la como esposa, julgando que teria lindos filhos dela”.


2“Contraído e consumado o matrimônio, nasceram e ficaram adultos muitos filhos, aos quais a mãe falou: 'Filhos, não vos envergonheis, porque sois filhos do rei! 3Ide pois a sua corte e ele vos dará tudo o que vos é necessário’. 4Quando chegaram diante do rei, este ficou admirado com a sua beleza, e reconhecendo neles a própria semelhança, perguntou-lhes: 'De quem sois filhos?’

5“Quando responderam que eram filhos da mulher pobrezinha que morava no deserto, o rei abraçou-os com grande júbilo, e

disse-lhes: 'não temais, pois vós sois meus filhos. <sup>6</sup>Se em minha mesa alimentam-se estranhos, muito mais vós que sois meus filhos legítimos'. <sup>7</sup>E mandou dizer à mulher que enviasse a sua corte todos os filhos que dele tivera, para serem alimentados”.

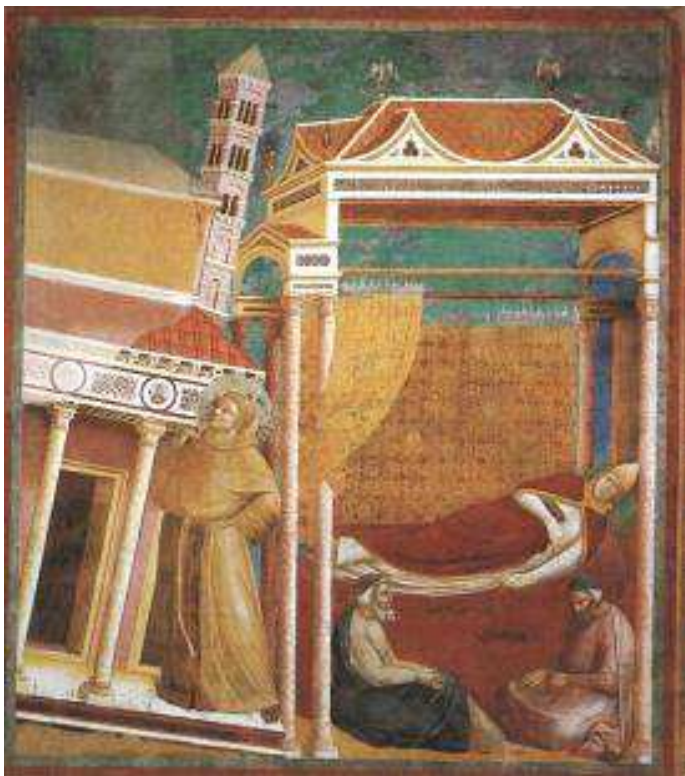
<sup>8</sup>Como essas coisas foram mostradas em visão ao bem-aventurado Francisco, que estava em oração, o homem santo entendeu que ele era designado por aquela mulher pobrezinha.

## - LI -

uando acabou de rezar, apresentou-se de novo ao Sumo Pontífice e contou-lhe em ordem o exemplo que o Senhor lhe mostrara. <sup>2</sup>E disse: “Eu sou, senhor, aquela mulher pobrezinha que Deus, amando, tornou formosa por sua misericórdia e houve por bem gerar dela filhos legítimos. <sup>3</sup>Disse-me, pois, o Rei dos reis que alimentará a todos os filhos gerados por meu intermédio, porque, se ele nutre os estranhos, bem que tem que nutrir os filhos legítimos. <sup>4</sup>Se, de fato, Deus dá os bens temporais aos pecadores por amor dos filhos que eles devem nutrir, muito mais dará em abundância aos homens evangélicos, aos quais se devem estas coisas por seu mérito”.

<sup>5</sup>Ao ouvir isso, o Senhor Papa muito se admirou, especialmente porque, antes da vinda do bem-aventurado Francisco, ele tivera uma visão na qual a igreja de São João do Latrão ameaçava ruir e um homem religioso, franzino e desprezível, a sustentava com seus ombros. <sup>6</sup>Despertando, estupefato e amedrontado, como homem sábio e prudente que era, considerava o significado da visão. <sup>7</sup>Mas, poucos dias

depois, quando veio a ele o bem-aventurado Francisco e lhe revelou seu propósito, como foi dito, e lhe pediu que confirmasse a Regra que havia escrito com palavras simples e usando expressões do santo Evangelho, pois aspirava plenamente à perfeição, <sup>8</sup>o Senhor Papa, vendo-o tão fervoroso no divino serviço e fazendo uma comparação entre a sua visão e



a parábola que o homem de Deus lhe havia contado, começou a refletir: “Na verdade, este é o homem religioso e santo, por meio do qual a Igreja de Deus será levantada e sustentada”.

<sup>9</sup>E assim abraçou-o e aprovou-lhe a Regra que havia escrito.

<sup>10</sup>Concedeu também

a Francisco e a seus irmãos permissão para pregar a penitência em qualquer lugar. Aqueles, porém, que desejassem pregar deveriam primeiro obter a licença do bem-aventurado Francisco. <sup>11</sup>E mais tarde aprovou isso mesmo num consistório.

- LII -

Depois de alcançar essas coisas, o bem-aventurado Francisco deu graças a Deus e, de joelhos, prometeu ao Senhor Papa obediência e reverência, humilde e devotamente. <sup>2</sup>Os outros irmãos, conforme o preceito do Senhor Papa, prometeram da mesma forma obediência e reverência ao bem-aventurado Francisco. <sup>3</sup>Assim, tendo recebido a bênção do sumo pontífice e visitado os túmulos dos Apóstolos, Francisco e os onze irmãos receberam a tonsura, como predisusera o cardeal de quem acima se falou, pois queria que todos os doze fossem clérigos.

- LIII -

**D**eixando Roma, o homem de Deus partiu para o mundo com seus irmãos, muito admirado da fácil consecução de seu desejo e crescendo todos os dias na esperança e na confiança do salvador que, por suas santas revelações, tinha-lhe mostrado primeiro o que foi feito. <sup>2</sup>Pois, antes de obter o que dissemos, certa noite, quando se entregou ao sono, pareceu-lhe caminhar por uma estrada, junto à qual havia uma árvore de grande porte, bela, forte e robusta. <sup>3</sup>Quando chegou perto e ficou embaixo dela, admirando sua altura e beleza, de repente o próprio santo ficou tão alto que tocava a ponta da árvore e a inclinava com muita facilidade até o chão. <sup>4</sup>Na realidade assim acontecera, pois o Senhor Papa Inocência, a árvore mais sublime, mais bela e mais forte no mundo, se inclinara tão benignamente ao seu pedido e à sua vontade.

## *Capítulo 13 - Da eficácia da sua pregação, da primeira morada que teve, como os irmãos ali estavam e como dali saíram.*

- LIV -

**D**esde então, o bem-aventurado Francisco, percorrendo cidades e aldeias, começou a pregar por toda parte com mais amplitude a perfeição, não com palavras persuasivas de sabedoria humana, mas na doutrina e poder do Espírito Santo, anunciando com confiança o reino de Deus. <sup>2</sup>Pois era pregador autêntico, confirmado pela autoridade apostólica, sem usar nenhuma adulação, rejeitando as palavras lisonjeiras, porque o que ensinava aos outros em palavras já tinha primeiro ensinado a si mesmo por obra, para poder falar a verdade com toda confiança. <sup>3</sup>Até muitas pessoas letradas e cultas admiravam em seus sermões o poder e a verdade que nenhum homem lhe havia ensinado e corriam para vê-lo e ouvi-lo como um homem de outro mundo. <sup>4</sup>Por isso, muitos do povo, nobres e plebeus, clérigos e leigos, por divina inspiração, começaram a aderir aos exemplos do bem-aventurado Francisco e, desprezando preocupações e pompas mundanas, foram viver sob sua disciplina.

- LV -

**M**as o feliz pai Francisco ainda vivia com seus filhos num lugar perto de Assis chamado Rivortorto, onde havia uma cabana por todos abandonada. <sup>2</sup>O lugar era tão apertado que ali mal podiam sentar e repousar. <sup>3</sup>E muitas vezes, não tendo pão, só comiam nabos que mendigavam aqui e acolá naquela

penúria. <sup>4</sup>O homem de Deus escrevia os nomes dos frades nos caibros daquela cabana para que quem quisesse descansar ou orar soubesse o seu lugar, e para que algum barulho insolente não perturbasse o silêncio da mente por causa do aperto do lugar.



<sup>5</sup>Mas certo dia, estando os irmãos nesse lugar, aconteceu que um vilão ali apareceu com seu asno querendo abrigar-se no tugúrio; e, para não ser repellido pelos irmãos, entrando com o animal lhe gritava: “Entra, entra, pois faremos bem a este lugar”. <sup>6</sup>O santo pai, ouvindo isto e conhecendo a intenção do vilão, sentiu muito pesar, especialmente porque havia feito barulho com o jumento, perturbando todos os irmãos entregues então ao silêncio e à oração. <sup>7</sup>Disse pois o homem de Deus aos irmãos: “Irmãos, sei que Deus não nos chamou para preparar hospedagem ao burro e para sermos importunados pelos homens, mas para que pregando o caminho da salvação às pessoas de vez em quando, e dando-lhes conselhos salutareis, tenhamos que insistir principalmente em orações e ações de graças”.

<sup>8</sup>Por isso deixaram o referido tugúrio para o uso dos pobres leprosos, transferindo-se para Santa Maria da Porciúncula, junto à qual já tinham morado uma vez numa casinha, antes de obterem a igreja.

**M**ais tarde, o bem-aventurado Francisco, por prévia vontade e inspiração de Deus, obteve-a humildemente do abade de São Bento do monte Subásio, perto de Assis. <sup>2</sup>O próprio santo recomendou-a de forma notável e afetuosa ao ministro geral e a todos os frades, como um lugar pelo qual a Virgem gloriosa tinha predileção entre todos os lugares e igrejas deste século.

<sup>3</sup>Para recomendação e afeição desse lugar muito contribuiu uma visão que certo irmão teve quando ainda no século, e a quem o bem-aventurado Francisco amava com singular afeto, durante todo o tempo que esteve com ele, mostrando-lhe particular familiaridade. <sup>4</sup>Ele, desejando servir a Deus, como mais tarde na Ordem fielmente o fez, viu, em visão, que todos os homens deste mundo estavam cegos e ajoelhados em torno de Santa Maria da Porciúncula, e, com as mãos juntas, o rosto voltado para o céu, em voz alta e lacrimosa, pediam ao Senhor que se dignasse, por sua misericórdia, iluminar a todos. <sup>5</sup>Estando assim todos em oração, parecia vir do céu um grande esplendor, que descia sobre eles e a todos iluminava com uma luz salutar.

<sup>6</sup>Quando acordou, ele se propôs servir mais firmemente a Deus e, pouco depois, tendo abandonado de uma vez este século perverso com suas pompas, entrou na Ordem onde permaneceu no serviço de Deus, humilde e devotamente.

## Capítulo 14 - Do capítulo que se realizava duas vezes por ano no lugar de Santa Maria da Porciúncula.

- LVII -

**A**pós ter obtido do mencionado abade o referido lugar de Santa Maria, ordenou o bem-aventurado Francisco que ali se realizasse o capítulo duas vezes por ano, a saber: em Pentecostes e na dedicação de São Miguel. <sup>2</sup>Em Pentecostes reuniam-se todos os irmãos em Santa Maria, discutiam a maneira como podiam observar melhor a Regra, designavam os irmãos que nas diversas províncias pregassem ao povo e colocassem os outros frades em suas províncias.

<sup>3</sup>São Francisco fazia admoestações,

repreensões e preceitos, como lhe parecia de acordo com o conselho do Senhor. <sup>4</sup>Mas tudo que lhes dizia por meio de palavras, mostrava-o

afetuosa e solicitamente com obras. <sup>5</sup>Venerava os prelados e sacerdotes da Santa Igreja, honrava também os mais velhos, nobres e ricos, mas amava aos pobres compadecendo-se entranhadamente deles, e a todos mostrava-se submisso. <sup>6</sup>Mesmo estando acima de todos os irmãos, constituía um





dos frades que morava com ele como seu guardião e senhor, obedecendo-lhe humilde e devotamente para afastar de si toda ocasião de soberba. <sup>7</sup>Pois entre os homens humilhava sua cabeça até o chão, para merecer, algum dia, ser exaltado entre os santos e eleitos de Deus, na presença divina.

<sup>8</sup>Admoestava com solicitude os irmãos a observarem cuidadosamente o santo Evangelho e a Regra que haviam prometido observar firmemente, e especialmente que fossem reverentes e devotos no que diz respeito aos ofícios divinos e às ordenações eclesiásticas, ouvindo devotamente a missa e adorando o Corpo do Senhor com toda a devoção. <sup>9</sup>Quis também que fossem honrados de maneira particular os sacerdotes que tratam os venerandos e máximos sacramentos, a tal ponto que, onde os encontrassem, inclinando a cabeça, lhes beijassem as mãos. <sup>10</sup>E quando os encontrassem montados a cavalo, queria que beijassem não somente suas mãos, mas até as patas dos cavalos que montavam, em reverência à sua autoridade.

#### - LVII -

**A**dvertia também os irmãos para não julgarem homem algum nem desprezarem os que vivem na moleza e se vestem curiosa e superfluamente: pois Deus é Senhor nosso e deles, e tem o poder de chamá-los a si e torná-los justos. <sup>2</sup>Dizia também que queria que os irmãos os reverenciassem como irmãos e senhores, porque eles são irmãos enquanto criados pelo mesmo Criador, e são senhores enquanto ajudam os bons a fazer penitência, ministrando

tudo o que é necessário ao corpo. <sup>3</sup>E, dizendo estas coisas, acrescentava: “A vida dos irmãos entre os homens deveria ser tal que todo aquele que os visse e os escutasse, glorificasse e devotamente louvasse o Pai celeste”.

<sup>4</sup>Era seu grande desejo que ele e seus irmãos fossem tão abundantes em boas obras, que por elas o Senhor fosse louvado, e dizia-lhes: “Como anunciais a paz com a boca, assim deveis possuí-la ainda mais em vossos corações”. <sup>5</sup>Ninguém seja por vós provocado à ira ou ao escândalo, mas todos, por vossa mansidão, sejam levados à paz, à bondade e à concórdia. <sup>6</sup>Pois é para isto que fomos chamados: para curar os feridos, reanimar os abatidos e trazer de volta os que estão no erro. <sup>7</sup>Pois muitos que agora parecem seguidores do diabo ainda virão a ser discípulos de Cristo”.






piedoso pai também corrigia os irmãos que eram demasiadamente austeros consigo mesmos, suando excessivamente em vigílias, jejuns e exercícios corporais. <sup>2</sup>Pois alguns se afligiam tão gravemente que reprimiam em si todos os impulsos da carne que um ou outro parecia odiar a si mesmo. <sup>3</sup>O homem de Deus proibia-os, avisando-os bondosamente e repreendendo razoavelmente mas também vendando suas feridas com os vínculos salutares dos preceitos.

<sup>4</sup>Entre os irmãos que iam ao capítulo ninguém ousava tratar de negócios seculares, mas confabulavam acerca das vidas dos Santos Padres e como poderiam encontrar a graça do Senhor Jesus Cristo melhor e mais perfeitamente. <sup>5</sup>Se alguns dos irmãos que compareciam ao capítulo sofriam tentações ou tribulações, eram libertados das tentações e venciam maravilhosamente as tribulações ouvindo o bem-aventurado Francisco falar tão suave e fervorosamente e vendo a sua penitência. <sup>6</sup>Pois, compadecido deles, falava-lhes não como juiz, mas como um pai misericordioso, como bom médico com os doentes, sabendo ser enfermo com os enfermos e afligir-se com os atribulados. <sup>7</sup>Repreendia, entretanto, como era devido, todos os delinqüentes, e reprimia os contumazes e rebeldes com a merecida admoestação.

<sup>8</sup>Terminado o capítulo, abençoava a todos os irmãos e destinava cada um às diversas províncias. <sup>9</sup>A quem tivesse o Espírito de Deus e eloquência necessária para pregar, fosse clérigo ou leigo, dava-lhe

a devida permissão de pregar. <sup>10</sup>Eles, recebendo sua bênção com grande júbilo do espírito, como peregrinos e estrangeiros, iam pelo mundo, nada levando pelo caminho, a não ser os livros em que pudessem dizer suas Horas. <sup>11</sup>Em qualquer lugar que encontrassem um sacerdote, rico ou pobre, bom ou mau, inclinando-se humildemente faziam-lhe uma reverência. <sup>12</sup>E quando chegava a hora de se hospedar, ficavam de mais boa vontade com os sacerdotes que com os leigos do século.

- LX -

uando não conseguiam hospedagem junto aos sacerdotes, buscavam os homens mais religiosos e tementes a Deus, com os quais encontrassem alojamento mais conveniente, até que o Senhor inspirasse algumas pessoas tementes a Deus que lhes preparassem hospedagem em cada cidade e aldeia que pretendessem visitar, isso até o tempo em que se construíram lugares para eles nas cidades e aldeias.

<sup>2</sup>O Senhor lhes deu oportunamente palavra e espírito para proferir palavras agudíssimas que penetravam os corações dos jovens e dos velhos, que, deixando pai e mãe e tudo que tinham, seguiam os frades, assumindo o hábito de sua religião. <sup>3</sup>Na verdade a espada da separação foi então enviada à terra, fazendo os jovens acorrer à religião, abandonando seus parentes entre as fezes dos pecados. <sup>4</sup>Conduziam os que haviam admitido à Ordem ao bem-aventurado Francisco, de quem recebiam o hábito religioso, com humildade e devoção.

<sup>5</sup>Mas não eram somente os homens que se convertiam assim à Ordem; também muitas virgens e viúvas, compungidas pelas suas pregações e seguindo seu conselho, enclausuravam-se nos mosteiros espalhados pelas cidades e aldeias para fazer penitência. <sup>6</sup>E constituiu-se para elas um dos irmãos como visitador e corretor. <sup>7</sup>Da mesma forma, homens e mulheres casados, não podendo abandonar a lei do matrimônio, entregavam-se, pelo salutar conselho dos irmãos, a uma penitência mais rigorosa em suas próprias casas. <sup>8</sup>E assim, por meio do bem-aventurado Francisco, adorador perfeito da Santíssima Trindade, a Igreja de Deus foi renovada com três Ordens, conforme prefigurava a reforma das três igrejas. <sup>9</sup>E cada uma destas Ordens, em seu devido tempo, foi confirmada pelo Sumo Pontífice.

***Capítulo 15 - Da morte de Dom João, primeiro protetor, e da assunção de Dom Hugolino, ostiense, como pai e protetor da Ordem.***

- LXI -



referido cardeal, venerável pai, Dom João de São Paulo, que muitas vezes dava conselho e proteção ao bem-aventurado Francisco, recomendava a todos os outros cardeais a vida e os atos do santo e de seus irmãos. <sup>2</sup>E os seus ânimos eram movidos a amar o homem de Deus e seus irmãos, a tal ponto que cada um desejava ter em sua cúria alguns deles, não para serem servidos por eles, mas pela santidade dos frades e pela devoção ardorosa que lhes tinham.


<sup>3</sup>Morto Dom João de São Paulo, Deus inspirou a um dos cardeais, chamado Hugolino, naquele tempo bispo de Óstia, que nutrisse pelo bem-aventurado Francisco e seus irmãos profundo amor e lhe garantisse conselho e proteção. <sup>4</sup>Na realidade tratou-os com muito fervor, como se fosse o pai de todos. Seu afeto era maior do que um pai carnal tem naturalmente por seus filhos; um amor desse tipo ferveu espiritualmente para amar e proteger no Senhor o homem de Deus com os seus irmãos. <sup>5</sup>Conhecendo o homem de Deus sua fama gloriosa, pois era famoso entre os outros cardeais, apresentou-se a ele com seus irmãos. <sup>6</sup>Ele os recebeu com alegria e disse-lhes: “Ofereço-vos eu mesmo como conselho e auxílio, e estou pronto a dar-vos a proteção conforme desejardes, e quero pelo amor de Deus que me recomendeis em vossas orações”.

<sup>7</sup>Então o bem-aventurado Francisco, dando graças a Deus, disse ao senhor cardeal: “De boa vontade desejo, senhor, ter-vos como pai e protetor de nossa religião, e quero que todos os irmãos vos recomendem sempre em suas orações”. <sup>8</sup>Depois o bem-aventurado Francisco pediu-lhe que se dignasse estar presente no capítulo dos frades em Pentecostes. <sup>9</sup>Ele logo aceitou benignamente, e desde então esteve presente, todos os anos, ao capítulo.

<sup>10</sup>Quando vinha ao capítulo, todos os irmãos reunidos saíam em procissão ao seu encontro. <sup>11</sup>Ele, quando os irmãos se aproximavam, descia do cavalo e ia a pé com eles até à igreja de Santa Maria. <sup>12</sup>Depois fazia-lhes um sermão e celebrava a missa, durante a qual o homem de Deus, Francisco, cantava o Evangelho.

## *Capítulo 16 - Da eleição dos primeiros ministros e como foram enviados pelo mundo.*

- LXII -

uando se completaram onze anos desde o começo da religião e os frades se haviam multiplicado em número e mérito, elegeram-se ministros e foram enviados com alguns frades pelas diversas províncias do mundo em que a fé católica é cultivada e observada. <sup>2</sup>Eram recebidos em algumas províncias, mas não se lhes permitia construir habitações; de outras eram expulsos na suposição de serem homens infiéis, porque, embora o Senhor Papa Inocência III tivesse aprovado a Ordem e a Regra, não as havia ainda confirmado por uma carta sua; por isso os irmãos sofreram muitas tribulações de clérigos e leigos. <sup>3</sup>Por este motivo, os irmãos foram obrigados a fugir de várias províncias, e assim, angustiados e aflitos, e também espoliados e espancados por ladrões, voltaram com grande amargura ao bem-aventurado Francisco. <sup>4</sup>Tinham sofrido isso em quase todas as regiões ultramontanas, como na Alemanha, na Hungria e em outras.

<sup>5</sup>Quando isso foi notificado ao referido senhor cardeal, ele convocou o bem-aventurado Francisco e o levou ao senhor Papa Honório, pois o senhor Inocência já tinha morrido. <sup>6</sup>E fez com que uma outra regra, composta pelo bem-aventurado Francisco por inspiração de Cristo, fosse solenemente confirmada pelo mesmo senhor Honório, com uma bula

pendente. <sup>7</sup>Nesta Regra se prolongou o tempo do capítulo, para facilitar aos irmãos que habitavam em remotas regiões.

- LXIII -



O bem-aventurado Francisco se propôs também a pedir ao Senhor Papa Honório um dos cardeais da Igreja Romana que fosse como o papa de sua Ordem: o Senhor Bispo de Óstia, ao qual os irmãos pudessem recorrer em suas necessidades.

<sup>2</sup>De fato o bem-aventurado Francisco tivera uma visão que pode tê-lo induzido a pedir um cardeal e colocar a Ordem sob a proteção da Igreja Romana. <sup>3</sup>Pois vira uma galinha pequena e preta com as pernas emplumadas, e as patas como as de uma pomba doméstica, com tantos pintinhos que não podia juntar a todos debaixo das asas, mas os que ficavam fora andavam ao redor da galinha.

<sup>4</sup>Acordando, pôs-se a pensar sobre o significado da visão, e logo, pelo Espírito Santo, soube que estava representado simbolicamente por aquela galinha, e disse: <sup>5</sup>“Eu sou essa galinha, pequeno de estatura e negro por natureza, que tenho que ser simples como uma pomba e voar para o céu com os afetos alados. <sup>6</sup>O Senhor, por sua misericórdia, deu-me e dar-me-á muitos filhos, que não poderei proteger só com minha força. <sup>7</sup>Portanto, é necessário que os recomende à santa Igreja, que os proteja à sombra de suas asas e os governe.



- LXIV -

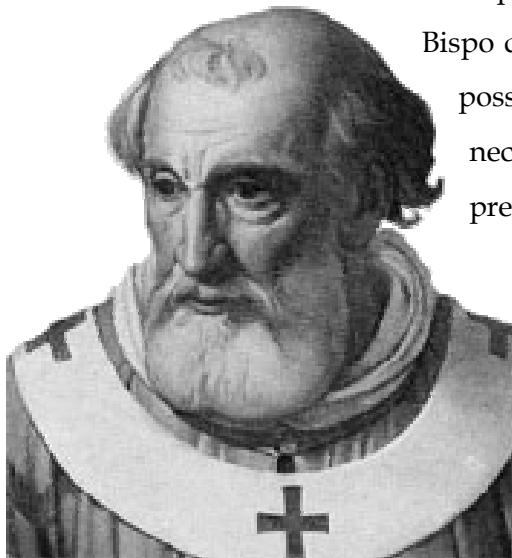
**P**oucos anos depois desta visão, foi a Roma e visitou o Senhor Bispo de Óstia. Este ordenou-lhe que na manhã seguinte fosse com ele à Cúria, pois desejava que fizesse uma pregação diante do senhor Papa e dos cardeais e lhes recomendasse, devota e afetuosamente, sua Ordem. <sup>2</sup>Embora o bem-aventurado Francisco se escusasse, dizendo que era simples e ignorante, teve que ir com ele à Cúria.

<sup>3</sup>Quando o bem-aventurado Francisco se apresentou diante do Senhor Papa e dos cardeais, foi visto por eles com grande alegria. Levantou-se e pregou-lhes como havia sido instruído unicamente por inspiração do Espírito Santo. <sup>4</sup>Terminada a pregação, recomendou sua religião ao senhor Papa e a todos os cardeais. <sup>5</sup>O senhor Papa e os cardeais ficaram enormemente edificados com a sua pregação e suas entranhas se moveram mais afetuosamente ao amor da religião.

- LXV -

**N**em seguida disse o bem-aventurado Francisco ao Sumo Pontífice: “Senhor, compadeço-me de vós pela solicitude e trabalho contínuo com que deveis velar sobre a Igreja de Deus, e muito me envergonho que tenhais tanta preocupação e solicitude por nós, irmãos menores. <sup>2</sup>De fato, enquanto muitos nobres e ricos e numerosos religiosos não podem chegar a vós, grande deve ser o nosso receio e vergonha, pois que somos os mais pobres e desprezíveis entre todos os religiosos, já não digo por comparecer

perante vós, mas por estar à vossa porta e ter a presunção de bater ao tabernáculo da fortaleza dos cristãos. <sup>3</sup>Portanto, suplico humilde e devotamente a Vossa Santidade que vos digneis conceder-nos o Senhor



Bispo de Óstia como pai, para que os irmãos possam recorrer a ele no tempo da necessidade, salva sempre a preeminência de vossa dignidade”.

<sup>4</sup>Este pedido agradou ao Senhor Papa, que concedeu ao bem-aventurado Francisco o Senhor Bispo de Óstia, instituindo-o sobre a sua religião como digníssimo protetor.

- LXVI -

**E**ste, recebendo o mandato do Senhor Papa, estendeu a mão como um bom protetor para defender os frades, escrevendo a muitos prelados que tinham feito perseguição aos frades para que não fossem mais contrários a eles, <sup>2</sup>mas antes lhes dessem conselho e auxílio para pregar e morar em suas províncias, como a bons e santos religiosos aprovados pela autoridade da Sé Apostólica. <sup>3</sup>Da mesma forma, muitos outros cardeais escreveram cartas com o mesmo objetivo.

<sup>4</sup>Por isso, no capítulo seguinte o bem-aventurado Francisco concedeu licença aos ministros para receberem irmãos na Ordem e

enviou-os às mencionadas províncias, levando cartas dos cardeais juntamente com a Regra confirmada pela bula apostólica. <sup>5</sup>Vendo tudo isto e conhecendo os testemunhos dados pelos irmãos, os prelados liberalmente concederam-lhes edificar, morar e pregar em suas províncias. <sup>6</sup>Assim, com os frades morando e pregando naquelas províncias, muitos, vendo seu comportamento humilde e santo, e ouvindo suas palavras dulcíssimas que moviam e inflamavam as mentes para o amor de Deus e para fazer penitência, vieram a eles, <sup>7</sup>e receberam o hábito de sua santa religião, com fervor e humildade.

- LXVII -

**A**o ver o bem-aventurado Francisco a confiança e o amor que o Senhor Bispo de Óstia tinha para com os irmãos, amava-o afetuosamente de todo coração.

<sup>2</sup>E como por prévia revelação de Deus sabia que ele seria sumo pontífice, sempre lhe prenunciava isso nas cartas que lhe escrevia, chamando-o pai de todo o mundo. <sup>3</sup>Pois assim lhe escrevia: “Ao venerável em Cristo, Pai do mundo inteiro, etc...”

<sup>4</sup>Pouco tempo depois, tendo morrido o Senhor Papa Honório III, o Senhor de Óstia foi eleito Sumo Pontífice, chamado Gregório IX, o qual até o fim da vida foi o principal benfeitor e defensor dos irmãos e dos outros religiosos, especialmente dos pobres de Cristo. Por isso se crê, não sem razões, que tenha sido acolhido entre os santos.

## *Capítulo 17 - Da morte santíssima do bem-aventurado Francisco e como ele, dois anos antes, havia recebido os estigmas de nosso Senhor Jesus Cristo*



- LXVIII -

**D**epois de vinte anos desde que aderira perfeitissimamente a Cristo, seguindo a vida e os vestígios dos apóstolos, Francisco, o varão apostólico, no ano 1226 da Encarnação do Senhor, no dia quatro de outubro, um domingo, migrou com a maior felicidade para Cristo, conseguindo a vida eterna depois de muitos trabalhos, apresentando-se dignamente diante do seu Senhor.

<sup>2</sup>Um de seus discípulos, famoso por santidade, viu sua alma subir diretamente ao céu como uma estrela do tamanho da lua, e quase tão brilhante como o sol. Elevava-se sobre muitas águas e tinha por baixo uma nuvenzinha branca.

<sup>3</sup>De fato, tinha trabalhado muito na vinha do Senhor, solícito e fervoroso nas orações, nos jejuns, nas vigílias, nas pregações e nas viagens

de salvação, no cuidado e na compaixão do próximo e na abjeção de si mesmo, desde o começo de sua conversão até sua transmigração para Cristo, a quem amara de todo coração, mantendo assiduamente sua memória na mente, louvando-o com a boca e glorificando-o com obras frutuosas. <sup>4</sup>Tinha um amor tão fervoroso e profundo por Deus que, ouvindo falar seu nome, todo derretido interiormente, prorrompia externamente dizendo que o céu e a terra deveriam inclinar-se ao nome do Senhor.

- LXIX -



próprio Deus, querendo mostrar ao mundo inteiro o fervor desse amor e a perene memória da paixão de Cristo, que ele trazia em seu coração, honrou-o magnificamente, ainda em vida, com a admirável prerrogativa de um singular privilégio.

<sup>2</sup>Pois, como era elevado a Deus pelos ardores seráficos dos desejos, e se transformava por uma doçura compassiva naquele que por enorme caridade quis ser crucificado, <sup>3</sup>certa manhã, perto da festa da Exaltação da Santa Cruz, quando estava orando num lado do monte chamado Alverne, dois anos antes de sua morte, apareceu-lhe um serafim que tinha seis asas e carregava entre as asas a forma de um belíssimo homem crucificado, com as mãos e os pés estendidos em forma de cruz e apresentando com muita clareza o rosto do Senhor Jesus. <sup>4</sup>Com duas asas cobria a cabeça, com duas o resto do corpo até os pés, mas as outras duas se estendiam para voar.

<sup>5</sup>Quando a visão desapareceu, ficou em sua alma o admirável ardor do amor, mas em sua carne apareceu mais admirável a impressão dos estigmas do Senhor Jesus. <sup>6</sup>O homem de Deus procurou ocultá-los como pôde até a morte, não querendo publicar o sacramento do Senhor, embora não conseguisse escondê-los absolutamente, sem que fossem conhecidos pelo menos por seus familiares.

- LXX -

**M**as depois de seu felicíssimo trânsito, todos os irmãos presentes e muitíssimos leigos viram perfeitamente seu corpo ornado com os estigmas de Cristo. <sup>2</sup>Pois distinguiam em suas mãos e pés não os furos dos cravos mas os próprios cravos formados por sua carne e inatos em seu corpo, também com o negrume do ferro. <sup>3</sup>O lado direito, como que transpassado pela lança, mostrava uma cicatriz vermelha de verdadeira e evidente chaga, donde muitas vezes em vida vertia sangue sagrado.

<sup>4</sup>A verdade inquebrável desses estigmas apareceu claramente em sua vida e na morte pela visão e pelo contato demonstradíssimo, mas o Senhor quis manifestar mais claramente essa verdade também depois de sua morte, por muitos milagres manifestados em diversas partes do mundo. <sup>5</sup>Por causa desses milagres, muitos que não haviam julgado retamente acerca do homem de Deus, e tinham posto em dúvida seus estigmas, chegaram a tanta certeza de fé <sup>6</sup>que, se antes haviam sido seus detratores, pela bondade atuante de Deus e compelidos pela verdade, tornaram-se louvadores e anunciadores fidelíssimos dele.

## Capítulo 18 - De sua canonização

- LXXI -



omo ele já resplandecia em diversas partes do mundo pela nova luz dos milagres, e de toda parte concorressem ao seu corpo sagrado os que tinham experimentado os maiores e mais singulares benefícios de Deus por seus méritos, o sobredito senhor Papa Gregório, com o conselho dos cardeais e de muitos outros prelados, lidos e aprovados os milagres que o Senhor operara por meio dele, anotou-o no catálogo dos santos, mandando que sua festa fosse solenemente celebrada no dia de sua morte.

<sup>2</sup>Essas coisas foram feitas na cidade de Assis, na presença de muitos prelados e da maior multidão de príncipes e barões e de incontáveis povos de diversas partes do mundo, que o mesmo senhor Papa tinha mandado convidar para essa solenidade, no ano 1228, segundo ano do pontificado do mesmo senhor Papa.

- LXXII -



próprio Sumo Pontífice honrou mirificamente o santo a quem havia sumamente amado em vida, não só canonizando-o, mas também pela igreja construída em sua honra, em cujo alicerce o próprio senhor Papa pôs a primeira pedra, e enriqueceu-a com presentes e preciosíssimos ornamentos. <sup>2</sup>Dois anos após a canonização, o sacrossanto corpo foi trasladado, com grande honra, do lugar onde antes havia sido sepultado para esta igreja.

<sup>3</sup>Pois o papa enviou a essa igreja uma cruz de ouro, ornada com pedras preciosas, na qual estava embutido o lenho da cruz do Senhor, e ornamentos e vasas muitos destinados ao ministério do altar, com muitos paramentos preciosos e solenes.

<sup>4</sup>Isentou igualmente esta igreja de qualquer jurisdição inferior, constituindo-a, por sua autoridade apostólica, como cabeça e mãe de toda a Ordem dos Frades Menores, como aparece evidente no privilégio público confirmado em bula que todos os cardeais, de comum acordo, subscreveram.

- LXXIII -

**M**as seria pouco honrar o santo de Deus com coisas insensíveis, se por ele, morto no corpo mas vivendo em espírito na glória, o Senhor não tivesse convertido e curado inúmeras pessoas. Pois não só pessoas indiferentes, de ambos os sexos, foram convertidas ao Senhor depois de sua morte por seus méritos, mas também muitos grandes e nobres com seus filhos receberam o hábito de sua ordem, deixando reclusas as próprias esposas e filhas nos mosteiros das senhoras pobres.

<sup>2</sup>Da mesma forma muitos homens sábios e letrados, tanto leigos como clérigos prebendados, desprezando os atrativos da carne e renunciando radicalmente à impiedade e aos desejos deste século, entraram na referida Ordem dos menores, conformando-se em tudo, segundo a medida da graça de Deus, à pobreza e aos vestígios de Cristo e de seu servo, o bem-aventurado Francisco.



<sup>3</sup>Por isso, podemos dizer com razão o que foi escrito de Sansão, isto é, que matou muitos mais morrendo do que o tinha feito quando vivo, com toda certeza vive para sempre na vida da glória. <sup>4</sup>A essa glória nos conduza, pelos méritos de nosso santíssimo Pai Francisco, aquele que vive e reina nos séculos dos séculos. Amém.



## REFERÊNCIA

*Legenda dos Três Companheiros*. Disponível em:

<[http://franciscanos.org.br/?page\\_id=3595](http://franciscanos.org.br/?page_id=3595)>. Acesso em: 7/6/18.

# I



Província Franciscana  
Nossa Senhora da Assunção

## #vemserfranciscano

[www.franciscanosmapi.org.br](http://www.franciscanosmapi.org.br)

[www.peregrinofranciscano.com](http://www.peregrinofranciscano.com)



PROVÍNCIA FRANCISCANA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

“Ser dizimista é nossa obrigação,  
mas ser benfeitor é uma doação, é dar com gratidão  
um algo mais a Deus.” (Antônia da Conceição Farias)



VENHA SER TAMBÉM UM  
**BENFEITOR**  
DAS VOCAÇÕES  
**FRANCISANAS!**



CEFRAM  
Rua Magalhães de Almeida, s/n  
Bacabal - MA  
[benfeitores@franciscanosmapi.com.br](mailto:benfeitores@franciscanosmapi.com.br)  
55 99 3621 1270

[www.franciscanosmapi.org.br](http://www.franciscanosmapi.org.br)

[www.peregrinofranciscano.com](http://www.peregrinofranciscano.com)



PROVÍNCIA FRANCISCANA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO